

APPOLONIE CURE



FORÇA
E
LIBERDADE



Margarida Maria Gonçalves
rscm

Margarida Maria Gonçalves
rscm

FORÇA E LIBERDADE

Appolonie Cure
Co-Fundadora do
Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

2ª Edição no Brasil da versão Portuguesa
Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira

Prefácio

O dia 24 de Fevereiro de 1849 foi um dos marcos mais significativos na vida de Appolonie Cure Pélissier. Foi este o dia em que deixou a casa tão confortável onde tinha vivido com o seu querido marido, falecido há três meses apenas, para percorrer a pequena distância que levava ao Orfanto e Refúgio, fundados pelo Padre Jean Antoine Gailhac na cidade de Béziers. Ali, ela e as suas cinco companheiras tomariam a responsabilidade destas instituições e formariam uma nova Congregação Religiosa na Igreja.

De uma maneira que torna viva esta mulher tão humana do séc. XIX, a Irmã Margarida Maria Gonçalves descreve-nos a vida de Appolonie antes e depois deste momento preciso que marcou o nascimento do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Ajuda-nos a entrar nos sentimentos de Appolonie à medida que se desenrolam os acontecimentos da sua vida - como criança, estudante, jovem, esposa feliz, viúva, fundadora de um Instituto religioso.

Neste livro, a Irmã Margarida Maria não só relata os acontecimentos, como chama a nossa atenção para as características que Appolonie mostra em cada fase da sua vida, a força do seu carácter e a sua determinação para fazer a vontade de Deus. “ *Dieu le veut ainsi* ” (*Deus assim o quer*) torna-se a convicção inspiradora em cada passo da sua caminhada. A Irmã Margarida Maria ajuda-nos a compreender as suas lutas humanas assim como as realizações desta mulher que, por um lado, era forte, alegre e competente, inspirando confiança a todos os que procuravam a sua liderança e conselho e, por outro lado, aquela

que conhecia demasiado bem as suas fragilidades e precisava de encorajamento e força interior, que lhe vinham do Padre Gailhac e da sua confiança em Deus.

Este livro tem um toque de leveza. Embora haja muito sofrimento, discórdia e mesmo perseguição na vida de Appolonie, a autora equilibra a sua narrativa com a capacidade de Appolonie de ultrapassar as situações, através de muitos instantes de alegria e verdadeira paz por ela experimentados. Mesmo nos momentos mais difíceis, eles ajudaram-na a manter a sua generosidade, doçura e capacidade de consolar os outros. O seu amor era forte e constante, quer pelo seu marido, sua família, suas irmãs em religião, quer pelas muitas mulheres e crianças diferentes de quem ela cuidava. Pelo seu amor sincero a Deus e a convicção de que *“Dieu le veut ainsi”*, o seu amor e altruísmo não diminuíram, mesmo constantemente doente nos seus últimos anos. A sua morte foi o reflexo da sua vida; o seu maior sofrimento era deixar aquelas que amava e o seu maior desejo era consolá-las na sua dor. Esta é a mulher que a Irmã Margarida Maria nos apresenta neste livro. Estou-lhe grata pela inspiração recebida das suas palavras.

Roma, 12 de janeiro 2004
Catherine Dolan, RSCM
Superiora Geral



Irmã Saint-Jean

I

Um diálogo profético

Naquela manhã Appolonie levanta-se cheia de determinação e coragem e veste o seu melhor fato de luto. Decidira ir falar com o Padre Gailhac, sacerdote de grande dinamismo apostólico, muito conhecido e apreciado na cidade pela Obra Social que dirigia - “O Bom Pastor”.

Era a essa Obra que ela agora sonhava consagrar a vida e dar os seus avultados bens.

Durante a noite, embalada não obstante, em terna suavidade, lembra com emoção, um diálogo com o seu querido Eugène falecido havia três meses. Era como se fosse hoje, tão viva lhe estava na memória aquela cena.

Passeavam ambos no jardim numa tarde amena de Primavera. O sol envolvia-os no seu manto dourado de luz poente. Pergantara ele, meio a brincar e sem qualquer contexto aparente: “Que farias se eu morresse?” “Far-me-ia religiosa” respondera ela sem hesitar. “Eu entraria num mosteiro” acrescentara ele.

Nestes três meses de viuvez, Appolonie reza intensamente. Por vezes no Oratório de sua casa. Outras vezes, na Igreja Paroquial. Mas sobretudo em La Rotonde, capela circular que Eugène mandara construir e oferecera ao grande amigo, o Padre Gailhac, para a sua Obra. Appolonie vai ali com frequência. Ali passa longas horas com Deus. Ali se encontra com Nossa Senhora, fala como a Mãe querida a quem confia seus anseios, sua solidão. É a Mãe das Dores e da Esperança. Ali sente crescer a confiança de realizar o sonho partilhado por Eugène - dar-se,

dar tudo o que possui à Obra do Padre Gailhac. Sente cada vez mais fortemente que aquele diálogo nessa tarde longínqua, encerra qualquer coisa de profético. Era um sentimento que não engana, pensa ela.

Agora, porém, receia a oposição do Padre Gailhac. Sabe como ele desconfia de soluções fáceis. Varrendo todavia da imaginação, sonhos e receios, Appolonie manda atrelar os dois cavalos à carruagem. E parte para o “Bom Pastor”.

Logo que se encontra com o Padre Gailhac, vai direta e firme ao objetivo da sua visita:

- Traz-me aqui hoje uma ideia que não se apaga do meu espírito, antes pelo contrário se vai acendendo cada vez mais. Lembro-me de lhe termos dito, nas suas visitas frequentes e amigas a nossa casa, que Eugène e eu falamos um dia na possibilidade de consagrar a Deus a sua vida, aquele que, de entre nós, sobrevivesse à morte do outro.

Também não esqueci que o Padre Gailhac nos confidenciou ter já algumas pessoas que desejavam integrar a Congregação Religiosa que quer fundar em Béziers, para servir o “Bom Pastor”, mas que ainda lhe faltavam alguns elementos. Ora eu venho hoje oferecer-me para ser um desses elementos, ao serviço das jovens do Refúgio e das crianças do Orfanato.

O Padre Gailhac nem quer acreditar no que acaba de ouvir, tão surpreendido fica. E contesta calmamente:

- Mas o Dr. Cure, seu marido, faleceu há apenas três meses, minha Senhora. Não teve tempo de amadurecer uma decisão tão radical. Precisa de muita oração e reflexão para que Deus se manifeste.

- Tenho rezado muito, diz a Senhora Cure. E estou certa de que é a vontade de Deus com a qual está identificada a vontade do meu querido Eugène, “nosso querido amigo”.

- Eu não vejo exatamente as coisas pelo mesmo prisma, discorda o Padre Gailhac. Precisa de mais tempo e de um distanciamento maior do seu grande desgosto, para fazer um discernimento seguro, do qual não venha a arrepender-se mais tarde. Há o perigo de agir sob uma forte emoção.

Mas Appolonie não desiste:

- Padre Gailhac, nada me prende a este mundo, riqueza, conforto, amizades. O meu maior desejo é entregar-me a uma vida humilde, de sacrifício e de serviço às pessoas que o “Bom Pastor” acolhe e que o “nosso querido amigo” se empenhava em ajudar. Sei que é ele quem agora me apoia neste meu desejo, como que continuando a sua dedicação à Obra.

- É justamente um dos meus receios, diz Padre Gailhac. Desejar entregar-se à Obra porque o Dr. Cure a favorecia e apreciava.

- Não, Padre Gailhac, conclui a Senhora Cure. A minha determinação vem de Deus. Atenda o meu pedido e não se arrependerá. E, despedindo-se, retira-se.

Retira-se, mas não desiste. Continuará a insistir. Sabe que os meios sobrenaturais têm mais força do que todos os argumentos que possa invocar. Por isso intensifica a sua oração e confia. Confia que Deus mostrará também ao Padre Gailhac os seus planos.

Grande intermediário em todo este processo de súplica confiante, é o seu querido Eugène. E escreve ao Padre Gailhac: “Pela graça de Deus não me falta coragem. Estou intimamente

convencida de que é isto o que Deus quer de mim. Chamando a Si o “nosso querido amigo”, não manifesta Ele claramente a sua vontade? Tenho toda a confiança de que devo à sua bela alma o grande dom da minha vocação”. A morte daquele que era toda a sua vida faz parte integrante da obra de Deus nela. Mulher forte, não se deixa vencer pela dor e acrescenta: “Deus mo deu. Era seu direito levá-lo para Si”. Serena e confiante, renova vezes sem conta o seu sacrifício. “Deus assim o quer”, “*Dieu le veut ainsi*”, é a frase que se tornará refrão em todas as circunstâncias, e que pronunciada com um forte acento de fé, a consola e sustenta nas suas provações. Assim, beija a mão que a fere por amor e lhe dá a graça e a capacidade de lutar pela realização da proposta de Deus.

Em contrapartida, espera que Nossa Senhora alcance sem demora ao seu querido Eugène, a graça da visão divina.

Esta mulher de quarenta anos viveu sempre no meio de grande conforto. Enquanto casada, durante dezessete anos, vê-se rodeada pela ternura e carinho do marido, pela dedicação dos amigos e respeito dos empregados. A sua vida social desenrola-se no espaço aristocrático de Béziers. Abundaram sempre em sua casa os recursos materiais que repartia generosamente com os pobres, sobretudo com os do “Bom Pastor”.

Vemo-la agora lutar até vencer por uma ruptura total com o seu passado e por uma vida simples, humilde e pobre. Uma vida de abnegação e serviço às crianças e às mulheres prostituídas do “Bom Pastor”.

II

Uma conquista difícil

Cinco horas da tarde. Grande movimentação nas elegantes Allées Paul Riquet, artéria nobre da cidade. Um vaivém constante de pessoas e de carruagens. Por ela passeiam elegantes casais em visita a amigos, à hora do chá. Era assim também com Appolonie e Eugène, sobretudo aos domingos. Era ali no número 42 que eles viviam e onde ela continua a viver.

O ruído que entra pelas janelas e a hora adiantada avisam a Senhora Cure de que em breve chegarão Cécile Cambon e Rose Jeantet, empregadas do “Bom Pastor”. Duas jovens muito generosas e dedicadas à Obra. Saem diariamente para dar a volta pela cidade e arredores, pedindo esmola. Conduzem um burrinho que transporta as mercadorias e mantimentos oferecidos pelas casas comerciais da cidade. Recolhem hortaliças e legumes de todo o gênero nas quintas e propriedades rurais vizinhas.

Grande número de casas de família se abrem também generosamente.

Uma casa que Cécile Cambon e Rose Jeantet encontram sempre aberta de par em par, é justamente a das Allées Paul Riquet, número 42. E isto ano após ano. Appolonie costuma esperá-las ao cimo da escadaria. Acolhe-as com gestos de simpatia e carinho, tal como em vida do marido. Já as conhece há alguns anos e admira-lhes o espírito de sacrifício e abnegação. Depois de as fornecer de tudo o que tem para lhes dar, serve-lhes uma refeição que as ajude a restaurar as forças, depois de um dia fatigante.

Mas não é apenas com estas duas jovens do “Bom Pastor” que Appolonie exercita a caridade. Ávida de se dar aos outros, cristã de profundas convicções, encontra muitas circunstâncias de partilhar o que Deus lhe dá em abundância, com os que pouco ou nada têm. Assim a sua vida decorre entre atos de generosidade, gestos de bondade e momentos de oração, que se tornam para ela o único refúgio na dor.



Casa das Allées Paul Riquet

Foram muito difíceis para Appolonie estes meses a seguir à morte do marido. Tinham vivido sempre um para o outro, em comunhão profunda. E o vazio é agora quase insofrível. É tábu de salvação a fé inquebrantável que lhe inspira um abandono confiante à Providência de Deus. Lenitivo é também o diálogo silencioso e permanente com aquele que continua muito vivo no seu coração. Neste diálogo, vai-se tornando urgência a sua aspiração máxima: entregar-se e entregar tudo a Deus na Obra

do Padre Gailhac, em total sintonia com o seu querido Eugène. “Compreendo que Deus o quer” escrevia ela ao Padre Gailhac, repetindo novamente: “Chamando a Si o “nosso querido amigo”, não manifesta Ele claramente a sua vontade?”

Difícil fora também para Appolonie o período anterior ao casamento, em Murviel, sua terra natal. Com vinte e um anos, depois de uma infância e juventude felizes no lar paterno, o sofrimento entra inesperada e cruelmente na sua vida, com a morte dos pais e perseguição da família. Escreverá mais tarde, já como religiosa: “Sabemos que é de sofrimento a nossa condição aqui na terra, no seguimento de Jesus Cristo, que não foi poupado a opróbrios e humilhações. É preciso morrer para viver”.

Os dezessete anos de casada com Eugène foram oásis de paz no deserto de uma parte da sua existência. Felizes serão também os vinte anos de vida consagrada, como o evidenciam claramente muitas das suas cartas. Mas não podemos ignorar o sofrimento e grandes lutas pela transformação interior que uma mudança tão radical exigia.

Entretanto, o Padre Gailhac procura na oração a luz do Espírito Santo. E vai-se convencendo, pela persistência da Senhora Cure, de que por aí passa a proposta de Deus. Consulta Mons. Thibault, seu bispo. Bem examinadas todas as razões, Mons. Thibault pronuncia-se a favor da Senhora Cure e sua entrada no “Bom Pastor”. Finalmente, o Padre Gailhac aceita a decisão do seu Bispo.

Conquista difícil!

Estava vencido o primeiro desafio. A firmeza e determinação de Appolonie, a sua convicção e perseverança tinham atravessado a prova de fogo.

Assim acontecera no passado, desde Murviel. Assim será no futuro, consequência da opção radical e heroica que faz no presente.



Escadaria da casa das Allées Paul Riquet

E vai levá-la até o fim, numa vida de amor, durante vinte anos e na austeridade de um convento do século XIX, em França, na cidade de Béziers.

III

Um olhar retrospectivo

Murviel é a terra natal de Appolonie. Pequena vila medieval do sul da França, o Languedoc, aí deixaram os Romanos muitos vestígios da sua civilização. Do importante burgo do passado, restam ainda velhos muros carregados de história. As casas amontoadas na vertente da colina, ensombram com os seus alpendres, as ruas estreitas e tortuosas, as escadas e os pórticos, marcas de tempos antigos.

A igreja Paroquial, de estilo românico na origem, reconstruída no século XIX com mistura de estilo gótico, é o remate arquitetónico da colina. Perto e atrás, encontra-se o Castelo, arrasado no século XII, em lutas entre grandes senhores feudais possuindo extensos domínios. Reconstruído mais tarde, modernizado e até caiado, é hoje a Câmara Municipal de Murviel com as suas dependências e o seu Arquivo. Aqui se encontra o registro de nascimento de Appolonie em 2 de Fevereiro de 1809, bem como o registro de casamento no dia 11 de Abril de 1831.

Foram seus pais Etienne Baptiste Pélissier e Marie Durand. As origens da família Pélissier vêm de muito longe no tempo e há indicações credíveis de que remontam aos fins do século XIV. Ao longo dos vários séculos, os Pélissier foram aumentando o seu património com a aquisição de terras aos grandes senhores que, por motivos políticos, abandonaram a região.

Marie Durand, por sua vez pertencia a uma família distinta da burguesia na região de Liqueüre onde nascera.

Desta união profundamente baseada em princípios cristãos, nasceram quatro filhos: Clément Etienne Baptiste, falecido quando ainda criança, Jean Baptiste Joseph, Jean Clément Napoléon e Marie Appolonie. Esta é a mais alegremente acolhida na família por ser menina, depois de três rapazes.

Os pais, cristãos convictos e de assídua prática religiosa, batizaram os filhos logo nos primeiros dias. Assim, a 5 de Fevereiro, Appolonie recebe o batismo na Igreja Paroquial de Murviel. Foram padrinhos Clément Pélissier e Marie Pélissier, tios paternos.



*Casa da família em
Murviel.*

Parece existir ainda, em ruínas, a pia batismal desse tempo, pois em 1999, depois dos trabalhos de renovação de uma parte da igreja, foi encontrada uma pia de pedra antiga e sem pé. Provavelmente foi aí que o Espírito Santo tomou posse de Appolonie, transfundindo no seu pequenino ser a própria vida divina.

A infância de Appolonie decorre num ambiente familiar tranquilo. À sua volta a prática habitual dos princípios cristãos leva-a a desenvolver normalmente a sua personalidade e a crescer na compreensão e respeito pela dignidade das pessoas que a rodeiam. Appolonie é muito sensível à pobreza que vai descobrindo à volta de casa. É sobretudo a mãe que incarna para ela a compaixão e ajuda aos pobres e infelizes.

Aos oito anos, porém, essa tranquilidade é subitamente interrompida pela morte do irmão Jean Baptiste, a 15 de Novembro de 1817. Fica-lhe apenas um irmão, Jean Clément Napoléon. O luto à sua volta, o funeral e sobretudo a falta do irmão marcam fortemente a sensibilidade de Appolonie. É a mãe que a conforta com palavras de fé ao alcance da sua compreensão.

Pelos onze anos, Appolonie é internada num colégio de Béziers, o Pensionato Mathon na rua de Lespignan. Aí continua a aprofundar a sua instrução e formação cristãs, preparando-se para a primeira comunhão. A 17 de Julho de 1821, com doze anos, Appolonie encontra-se com Jesus Eucaristia pela primeira vez na Catedral de Saint-Nazaire. Dois anos mais tarde, a 25 de Outubro de 1823, recebe o Sacramento da Confirmação, sendo Bispo Mons. Fournier.

Além da vertente cristã, o colégio dá relevo à parte intelectual. Por alguns cadernos escolares de Appolonie, entre 1824 e 1826, cuidadosamente conservados, vemos como os professores insistiam na leitura e na escrita, na literatura, história e arte. Nesses cadernos encontramos cópias, ditados e exercícios de gramática. Existem também cadernos de elegia, de peças de declamação e maneira de ler poesia. Peças de teatro. Cadernos de História Antiga sobre grandes homens da civilização grega

e outros. Através de todo este material precioso, é evidente não só a aplicação de Appolonie, como a qualidade de ensino que o colégio proporciona às suas alunas.



Pensionato Mathon.

Appolonie estuda com entusiasmo. Além do desejo de aprender, é fortemente impelida pela vontade de dar alegria a seus pais com boas classificações. É inteligente e leva o estudo muito a sério. Não é sem fundamento, supor que seria uma boa aluna no colégio. E que a diretora faria referências muito positivas ao seu aproveitamento escolar e ao seu comportamento, quando os pais a iam buscar para férias.

Dada a rigidez da disciplina colegial e o seu temperamento afetivo, tem saudades do ambiente familiar, esperando com ansiedade as reduzidas férias: Natal, Páscoa e o mês de verão.

Assim vai fazendo a experiência do sofrimento que a não poupará durante parte da sua vida, entretecida de períodos de intensa felicidade.

Com a preparação que tem em declamação, poesia e teatro, Appolonie é muito hábil em tirar partido das suas férias para dar alegria aos pais. Organiza pequenas demonstrações culturais e artísticas nos convívios familiares e com os amigos.

Appolonie teve pois uma infância e adolescência felizes no lar paterno. A qualidade de vida e os valores cristãos que lhe transmitiram, prepararam-na para os embates inevitáveis que o futuro lhe trará.

IV

Coragem e firmeza

Appolonie regressa definitivamente do Colégio.

É agora uma jovem esbelta e encantadora. Morena, de olhos pretos e meigos, cabelos escuros a emoldurar um rosto oval. Espontânea e alegre. A coragem e firmeza de convicções, o respeito pela verdade são também características da sua personalidade rica e generosa.

O seu nível de desenvolvimento intelectual é, em geral, superior ao das jovens do tempo.

Com a presença agradável de Appolonie, os dias decorrem felizes na casa Pélissier em Murviel.

Appolonie pode desfrutar das facilidades que a posição social dos pais lhe proporciona. No entanto, mantém uma atitude simples, longe de preconceitos sociais. As pessoas humildes são tratadas com muito respeito e dignidade.

Pelos dezoito anos surpreendem-na agradavelmente as provas de singular admiração de Eugène Cure, jovem advogado e amigo de infância. Filho de Jacques Cure, advogado, juiz de paz e grande proprietário na região de Autignac. Sua mãe falecera. Seu avô paterno era Conselheiro do Rei e Presidente da Câmara. Viviam em Autignac nas proximidades de Murviel, e eram amigos de longa data do casal Pélissier. Por isso as duas famílias sonhavam com um possível casamento. É pois com alegria que estes manifestam claramente um ao outro os seus sentimentos e os vão aprofundando num amor mútuo que os levará ao matrimônio. Não fora Appolonie ainda tão jovem -

dezoito anos - casariam brevemente. Assim resolvem esperar algum tempo.

Surge, entretanto, um acontecimento fatal e totalmente inesperado, que vem mergulhar a família Pélissier num abismo de dor. Marie Durand morre repentinamente a 21 de Novembro de 1830. Tinha Appolonie vinte e um anos. A Senhora Pélissier preparava carinhosamente o casamento da filha que se realizaria em breve.

É fácil imaginar o enorme desgosto que envolve a família. O Senhor Pélissier é, porém, o mais profundamente atingido. Sempre ao lado de Marie Durand, tinha vivido vinte e seis anos de forte união conjugal. Juntos tinham crescido na fé e nos valores transmitidos a seus filhos, para que estes fossem continuadores das tradições cristãs da família. Agora falta-lhe a companheira inseparável da sua vida. E não podendo ultrapassar tão grande desolação, sucumbe por sua vez e morre a 8 de Janeiro de 1831, quarenta e oito dias depois de Marie Durand.

Appolonie vê-se extremamente só. Na imensa dor que a envolve, refugia-se em Nossa Senhora, devoção que a mãe preciosamente lhe legara. Nos braços maternos de Maria encontra a fé e a coragem para aguentar e ultrapassar tão dolorosa situação. Só Eugène Cure está a seu lado. E o irmão? E os tios?

A morte imprevista do casal Pélissier encontrou-os desprevenidos e sem testamento. Ignoram-se as razões pelas quais os familiares Pélissier quiseram favorecer, nas partilhas, Jean Clément com prejuízo de Appolonie. Sabendo de antemão que, casando com Eugène, Appolonie teria os seus direitos defendidos, procuram por todos os meios dissuadí-la de tal casamento.

“Meus tios - escreve Appolonie - vieram numa quinta-feira a Murviel e fizeram circular o boato de que o meu noivado havia terminado. Nesse mesmo dia, o meu tio e a minha tia jantaram em minha casa com Eugène Cure e seu pai. Depois do jantar, minha tia chamou-me a sós para me dizer que antes da morte de meus pais, o casamento com o Dr. Cure poderia justificar-se, mas agora a minha fortuna tinha mudado. Por isso convinha terminar o namoro e eles me conseguiriam outro partido. O meu silêncio provou à minha tia que eu não estava de acordo”.

Com a sua firmeza de caráter, força de vontade e convicção, Appolonie mantém-se fiel à promessa de casamento com Eugène. Era essa a vontade dos pais. É sobretudo a sua própria vontade. De fato, Eugène é para ela o homem autêntico e reto, seguro e tranquilo. É um cristão íntegro que a ajudará a crescer na sua relação com Deus.

Esgotados os meios persuasivos relativamente ao casamento, os adversários propõem-lhe um acordo de partilhas em que ela é gravemente lesada. Também aqui Appolonie resiste durante dois meses de dura luta, para defender os seus direitos à parte da “fortuna colossal” de seus pais, que lhe cabia em herança.

Entretanto, o dia do seu casamento é fixado para 12 de Abril de 1831. Receosos, os tios e o irmão propõem-lhe, repetidas vezes, a assinatura do acordo. A pressão que exercem sobre Appolonie é cada vez mais violenta e acaba em ameaças. “Uma pessoa bem conhecida de meu irmão ameaça clara e concretamente as vidas de Eugène e de seu pai” escreve Appolonie. E, não tendo outro recurso, acaba por ceder à violência.

A 4 de Abril de 1831, o coração ainda a sangrar com a morte dos pais, “a tremer” como ela diz, assina o acordo. Mas não sem mostrar ostensivamente que é bem consciente da fraude e grave injustiça cometidas contra ela.



Casal Cure.

Esta triste situação termina com o corte de relações com a família. Appolonie lamentará este fato até aos últimos dias da sua vida, em que terá a graça de ver o irmão reconciliado com ela.

Ao longo de todo este difícil processo, Appolonie e Eugène vêem o seu amor reforçado e bem alicerçado na rocha firme do sofrimento. E decidem manter a data do casamento.

O ato civil realiza-se no dia 11 de Abril de 1831, como consta no arquivo da Câmara Municipal de Murviel, e o religioso, no dia seguinte, 12 de Abril, na Igreja Paroquial.

As circunstâncias conflituosas em que os familiares os envolveram, acrescidas do luto pelo falecimento dos pais de Appolonie, não

permitem a celebração festiva com que os noivos e seus pais haviam sonhado uns seis meses antes. Porém a felicidade de que gozam, ultrapassa de longe os encantos sonhados. Appolonie pode sentir-se segura nos braços de Eugène e este tem agora a certeza, que nunca perdeu aliás, de estar para sempre com Appolonie. Uma vida nova começa para ambos, naquele dia, na partilha de bens espirituais e temporais.

Vão viver para Autignac. O Dr. Cure, pai de Eugène, recebe Appolonie como filha, e esta, por sua vez, cheia de solicitude e carinho, trata o sogro como pai. Ali ficam algum tempo na parte da grande casa que Jacques Cure lhes cedera.

No contrato civil do casamento Cure-Pélissier, o Dr. Jacques Cure faz doação ao filho de todos os seus bens presentes, à exceção de metade da casa em Autignac.

É perfeita a comunhão do jovem casal. Os amigos dos Cure tornam-se os amigos de Appolonie. O luto do coração, mais do que o dos vestidos, não lhe permite relações sociais intensas. De comum acordo com o marido, é sobretudo com as pessoas mais necessitadas e humildes que Appolonie se relaciona. Com elas recomeçam os hábitos de partilha em que sua mãe a iniciara em criança. Descobrimo uma presença feminina em casa dos Cure, tão humanos e solícitos com os pobres, são muitos os que batem àquela porta do Quartier de la Place. Vêm para desabafar as suas mágoas, contar também as pequenas alegrias e pedir conselho àquela senhora tão nova, mas tão meiga e tão boa.

Appolonie torna-se dom precioso para Eugène que se desdobra em gestos de ternura para aliviar a dupla dor: perda dos pais e corte de relações com o irmão e tios.

O Dr. Jacques Cure sente a casa aquecida com o sorriso afável da nora. As refeições são em conjunto. Com grande espanto da cozinheira, Appolonie prepara, ela própria, de tempos a tempos, alguns pratos novos. E as refeições tornam-se momentos de agradável convívio.

Assim decorre feliz a vida na casa dos Cure, com a presença irradiante de Appolonie.

V De Autignac para Béziers

Era uma tarde amena de Outono. Estava ainda longe o sibilar dos ventos e o habitual fragor das torrentes a despenhar-se no vale que separa Autignac de Béziers. Anunciavam-se um Outono particularmente calmo e sereno.

O jovem casal Cure deixa Autignac para se fixar em Béziers. O sol poente acompanha-os naquele entardecer. E ambos admiram a folhagem dourada das árvores que, ao longe, adornam os campos, e de mais perto, ladeiam e ensombram a estrada. A paz da natureza é o reflexo da tranquilidade daqueles dois corações que, em mútua entrega de amor, fundem intenções e projetos.

Béziers é uma cidade do Sul da França, situada entre os Alpes e os Pirenéus. Capital do bom vinho, é conhecida e famosa em toda a Europa pelas grandes extensões de vinha da região que a circunda.

Aos Iberos e Fenícios que a ocuparam no passado, sucederam os Romanos, que a enriqueceram com uma brilhante civilização. É hoje uma bela cidade coroada pela Catedral Saint-Nazaire e banhada pelo rio Orb que graciosamente corre a seus pés.

O projeto é agora transferir para Béziers o escritório de advogado. Em Béziers há mais clientes, mais trabalho. Não os move a ambição de enriquecer. Cristãos como são e não tendo filhos, querem trabalhar mais para mais partilhar com os que precisam de ajuda.

Béziers não é propriamente uma cidade desconhecida para Eugène e Appolonie. Esta vivera, como aluna interna, no Pensionato Mathon, durante alguns anos, e as saídas para a cidade eram raras. Excetuavam-se as idas e vindas em tempo de férias. O percurso, porém, não variava na saída de Béziers para Murviel.

Com Eugène era diferente. Tinha vindo estudar em Béziers ainda criança. Depois na escola secundária particular, dependente da Universidade, faz o bacharelado que lhe dará acesso à Faculdade de Direito. Naquelas escolas, encontra logo nos primeiros anos, um rapazinho da sua idade, Jean Gailhac. Com eles vai crescendo uma amizade que o tempo não extinguirá. Ao contrário, ela será mais tarde um grande dom quer para Eugène quer para Jean.

Eugène conhece pois muito bem a cidade de Béziers. As escolas que tinha frequentado eram externatos. Não o tinham privado da experiência diária na cidade. Além de percorrer as ruas que o levavam à escola, gostava de andar com Jean pelas avenidas movimentadas e modernas ou pelas ruas menos frequentadas e antigas. Aí corriam ao desafio até ficarem cansados, voltando depois cada um para sua casa.



Vista de Béziers

Terminando ambos o bacharelado, confidenciam-se um ao outro os seus projetos de futuro. Gailhac, depois de um longo discernimento, decide ser padre e vai para o Seminário. Eugène vai para a Universidade e segue o curso de Direito.

Logo que se instalam em Béziers, Eugène procura Gailhac, já então sacerdote, fundador e diretor de uma grande Obra na cidade. Trata-se de um Refúgio com o nome de “Bom Pastor” para mulheres vindas da prostituição, e de um Orfanato para crianças sem mãe, ou filhas de prostitutas.

Eugène admira imenso o desprendimento pessoal do amigo e a sua dedicação sem limites à Obra de regeneração das mulheres prostituídas.

Sabe que, ainda no Seminário, antes de ser padre, os superiores o acharam competente para lecionar Filosofia, sinal evidente da confiança que Gailhac inspirava à Direção do Seminário. Que depois da ordenação sacerdotal lhe confiam responsabilidades ligadas à formação dos alunos, e o ensino da Teologia Dogmática. Mas, sabe também que, à carreira eclesiástica brilhante que se abre diante dele, Gailhac preferiu o lugar humilde de capelão do Hospital ao serviço dos doentes.

A admiração de Eugène pelo seu amigo aumenta á medida que vai confirmando a veracidade de tudo o que ouve relativamente a ele. E não lhe é difícil ir ao seu encontro. Quer também apresentar-lhe a sua mulher.

Eugène é de fato um homem fora do comum. Dotado de uma finíssima sensibilidade encarna profundamente as desgraças alheias e sofre como se fossem próprias. O sentido

cristão sublima tal sensibilidade. E dá-lhe o jeito de se abrir espontaneamente a todos os que precisam da sua partilha espiritual e material.

Tornam-se então frequentes as idas do Padre Gailhac a casa dos Cure. Muitas vezes vai jantar com eles. Ambos se interessam vivamente por todos os assuntos relativos à Obra do Padre Gailhac.

Este, amigo íntimo como é dos Cure, fala naturalmente das suas dificuldades na direção da Obra. Falta-lhe dinheiro. Falta-lhe espaço. Faltam-lhe sobretudo pessoas. Chega mesmo a confidenciar-lhes os insucessos da presença de Irmãs de várias Congregações Religiosas, sucessivamente à frente da Obra. E a proposta do Senhor Bispo de fundar ele próprio uma Congregação especialmente destinada a dirigir o “Bom Pastor”. Até lhes diz que há já algumas senhoras interessadas em ingressar na futura Congregação, mas que lhe falta pelo menos uma. E no “Bom Pastor” estão Cécile Cambon e Rose Jeantet, empregadas generosas, desejando consagrar a sua vida a Deus, na Obra. São já bem conhecidas dos Cure. Passam muitas vezes por sua casa em busca de ajuda, nas suas jornadas a pedir pela cidade e arredores. Todas estas confidências vão calando fundo nos corações de Appolonie e Eugène.

Dons materiais não se fazem esperar. Sempre que conhecem alguma necessidade ou dificuldade no “Bom Pastor”, lá está o casal Cure pronto a colaborar.

Um dia, o Padre Gailhac vem jantar a casa dos Cure como muitas vezes acontece. Nessa noite a conversa recai sobre as instalações que acabam de ser melhoradas, à exceção da

capela. Impunha-se também, não só a renovação mas sobretudo o alargamento desta última. Era de fato pequena. Falam sobre diferentes estilos de capelas e Gailhac exprime ingenuamente o seu gosto pelas capelas redondas.

Deixam sair o Padre Gailhac e combinam fazer-lhe uma surpresa. No dia seguinte, pedem a um arquiteto que lhes faça o projeto de uma capela redonda com as dimensões requeridas. E a seu tempo fazem ao Padre Gailhac a oferta do projeto com todos os materiais necessários para a construção.

A nova Capela do “Bom Pastor” - La Rotonde - é inaugurada em 1847.



Capela La Rotonde

É muito grande a confiança de Gailhac na colaboração e apoio do casal Cure. Cresce de dia para dia a dedicação e interesse dos seus amigos pelo “Bom Pastor”. E chega a pensar que o Dr. Cure é a única pessoa capaz de continuar a dirigir a Obra, se ele falecer.

Por isso a 3 de Março de 1847, Gailhac faz testamento legal ao Dr. Cure a quem deixa a Obra do “Bom Pastor”.

É o máximo da confiança e da certeza com que se entrega a si mesmo e ao que tem de mais precioso - os seus queridos Refúgio e Patronato - o “Bom Pastor”.

VI

Vida que surge da morte

Havia muito tempo que na França se vivia um clima de instabilidade e agitação popular. Era consequência da revolução industrial, das transformações econômicas e dos maus anos agrícolas.

Estes três fatores, não houvera ainda outros, bastavam para lançar o país numa crise generalizada. Os baixos salários, a falta de emprego, as más condições de habitação e higiene agravam a situação, lançando os operários em lutas partidárias.

As manifestações violentas contra a autoridade têm como resposta uma maior repressão, aumentando o descontentamento. Os republicanos organizados em sociedades secretas provocam revoltas sangrentas em várias cidades.

Os socialistas pretendem a alteração da ordem social e do regime de propriedade. E de tal maneira agitam as massas populares em Béziers, que muitos funcionários civis têm que se retirar da cidade sob ameaças de violência e destruição. É o clima que se vive por toda a parte. A 24 de Fevereiro de 1848 é proclamada a República.

Grupos de católicos apoiam o movimento social católico e, através de jornais e revistas, fazem propaganda das reformas sociais. Mas vivem angustiados e olham a República com inquietação.

Entre estes constam-se os católicos das classes mais abastadas que se sentem ameaçados e inseguros.

Sensível como é, o Dr. Cure preocupa-se muito com os acontecimentos. Sabe que o Arcebispo de Paris, Mons. Affre, perdeu a vida ao tentar a reconciliação entre facções extremas. O seu desejo era procurar o Padre Gailhac e falar com ele. Mas evita fazê-lo para não o preocupar mais. Vai para casa decidido a partilhar com Appolonie as suas apreensões. Sabe que ela é mulher forte, capaz de lhe dar alento e de lhe inspirar a confiança em Deus de que precisa. É ela que habitualmente o levanta em seus momentos baixos, mesmo no aspecto profissional. Tem sempre a palavra oportuna de quem faz sua a infelicidade dos outros, para a aliviar.

Sabe que é mulher de fé pronta a ver Deus em tudo e tudo em Deus. E isso dá-lhe confiança e paz.

Naquela tarde o Dr. Cure chega a casa exausto. Atira-se para o sofá e fica por momentos em silêncio. Appolonie aparece logo. Respeita o silêncio do marido e senta-se preocupada e solícita a seu lado. Tomando as mãos um do outro, Eugène confiante olha a sua querida Appolonie, aperta mais as mãos como que a pedir ajuda.

_ Sabes querida, venho muito preocupado com o momento político que atravessamos. Os católicos estão a ser ameaçados com violência. Não podemos continuar a apoiar as reformas sociais preconizadas pelos católicos. O Padre Gailhac anda tão imerso nas atividades em que a Obra o envolve, que não me atrevo a partilhar com ele as minhas apreensões.

Appolonie está consciente da situação e dos perigos que os ameaçam. E diz-lhe:

_ Coragem, Eugène. Tens razão em estar preocupado.

Mas tu sabes tão bem como eu, que todo o sofrimento é sinal da presença e ação de Deus. É assim que o devemos encarar em primeiro lugar. Deus assim o quer. E acrescenta:

_ Vamos suspender o apoio às reformas sociais, sim. E vamos dar maior ajuda à obras do “Bom Pastor”.

Eugène concorda:

_ É uma grande graça podermos verificar que estas obras, Refúgio e Orfanato, são resposta a situações tão carenciadas da nossa cidade, neste momento de crise econômica e social. A conversa continua-se por largo tempo e por fim decidem convidar o Padre Gailhac para jantar com eles nessa noite.

É o dia 2 de Novembro. Passa da meia noite. Noite invernosa de Outono, bem diferente daquela tarde serena em que, há já uns dezessete anos, tinham viajado de Autignac para Béziers, no Outono também.

O vento sopra lá fora com violência, fustigando as gelosias e sibilando entre as lâminas que proporcionam zonas de ar em vibração sonora. Mas é uma sonoridade agressiva.

O ambiente da casa é aquecido e confortável. Porém os Cure pensam nos que não têm a mesma sorte que eles. Pensam nos trabalhadores revoltados com as más condições de habitação na cintura periférica de Béziers, ocupada pelos imigrantes das zonas rurais.

São bairros que crescem vertiginosamente com as habitações em completa degradação.

Haviam falado de tudo isso, com o Padre Gailhac, ao serão. Eugène parecia confiante e pacificado. Appolonie, receosa do que pudesse acontecer, pois conhecia bem o marido, procura manter-lhe o ânimo com pensamentos de fé, repetindo-lhe:

_ Deus está conosco e temos Nossa Senhora conosco também. Como boa mãe que é transformará as nossas preocupações em rosas do seu rosário para as oferecer a Deus.

Já alta noite, Eugène começa a sentir-se mal e pede que chamem o Padre Gailhac. Chamam também o médico que diagnostica uma congestão cerebral grave.

Imediatamente o cocheiro se dirige ao Hospital para trazer o Padre Gailhac. E conta-lhe o que se passa. Consternação para Gailhac que há poucas horas tinha deixado os Cure.

Toma os Santos Óleos e o Sagrado Viático e salta apressadamente para o coche. Em breve chega à casa do Dr. Cure. E depara com Eugène moribundo nos braços de Appolonie inconsolável. Esta diz-lhe o diagnóstico do médico e Gailhac só tem tempo de lhe administrar a Santa Unção e o Sagrado Viático. Eugène expira serenamente nos braços de Appolonie, dexando-a mergulhada em grande sofrimento e na mais atroz solidão. No seu rosto lívido lê-se a angústia que a oprime. E lavada em lágrimas, volta-se para o Padre Gailhac:

_ Que vou fazer agora? O meu querido Eugène era tudo para mim. Impossível viver sem ele.

Tinham terminado num desenlace de dor sem medida os dezessete anos de felicidade conjugal de Appolonie e Eugène.

“Que dizer?” Interroga-se o Padre Gailhac:

_ Eu partilho a sua dor. Também a mim me falta um grande amigo com quem pude contar sempre, como sabe. Mas Deus vai servir-se dele, agora na sua paz, para continuar a ajudar-nos e proteger-nos sempre e em todas as circunstâncias. Para si, minha senhora, ele será sempre o consolador de todas as horas. Não a largará nunca dos seus cuidados e alcançar-lhe-à as maiores e mais preciosas graças e bênçãos de Deus.

Na sua imensa dor, Appolonie acolhe as palavras de fé e conforto do Padre Gailhac. Sabe que o seu marido era um homem de muita fé e muito sensível aos problemas da justiça social e da pobreza e marginalização de toda a ordem. Amava sinceramente Deus e os irmãos, sobretudo os infelizes.

Por isso o Padre Gailhac o constituíra seu herdeiro universal considerando-o a única pessoa capaz de orientar o “Bom Pastor” na sua falta.

O Dr. Cure é sepultado em Autignac, no jazido de seus pais. Appolonie aí irá com frequência rezar junto dele.

A confiança de Gailhac no Dr. Cure vai agora ser transferida para a viúva. E a 4 de Novembro de 1848 Jean Gailhac faz testamento a favor de Appolonie Cure.

É vida nova a surgir da morte.

A Senhora Cure amadurecera a sua sintonia com a Obra do Padre Gailhac através de muitas conversas em sua casa e em muitos serões com Eugène e o Padre Gailhac. Agora que já não tem o seu querido Eugène, resta-lhe a realização do sonho partilhado com ele: dar-se e dar tudo o que possui aos pobres nas Obras do Padre Gailhac.

VII

Promessas de vida nova

O ambiente de luto em casa de Appolonie ia aliviando pouco a pouco. A fé e o amor a Deus e aos pobres, sobretudo no Bom Pastor, eram promessa de vida nova e nascente de ressurreição pascal.

São passados três meses e meio depois da morte do Dr. Cure. Para Apollonie, meses de intenso sofrimento, temperado todavia pelo envolvimento absorvente na luta pela conquista do ideal de consagração no “Bom Pastor”. Depois de Deus sempre confiara na intercessão de Nossa Senhora e do seu querido Eugène.

Continua também a intuir carências logísticas na Obra do “Bom Pastor”. E a 15 de Fevereiro de 1849 adquire um terreno para a construção do futuro convento.

Os empregados redobram de atenções para minorar o desgosto da Senhora Cure que, em nada diminui os gestos de amizade com que sempre os dignificou. Sabem que a Senhora Cure não irá viver ali por muito tempo. Ela mesma, com o respeito e atenções que tem para com eles, assim os tinha informado. E não os deixa em situação econômica difícil. Ao contrário. Como sempre, eles partilham da generosidade do seu coração, bem merecida pela fidelidade com que a serviram durante muitos anos.

Ignoram a futura situação da Senhora Cure. Mas continuam a viver, como ela, um misto de discreta serenidade e de sentida ausência do Dr. Cure.

Muitos amigos do casal vêm visitar a viúva para lhe diminuir a solidão. Ela acolhe-os com a amabilidade de sempre, sem nunca lhes levantar, porém, o véu do segredo que guardará até ao fim.

No entanto alguma coisa mudou em relação às visitas que agora frequentam a casa. Há algumas que vêm de novo e depressa se familiarizam com a Senhora Cure.

Até parece que uma nova vida começa para ela. Inquebrantável, a sua vontade nunca afrouxara. Mas a partir de então, é a aurora límpida e fresca da manhã que se levanta no seu horizonte, como anúncio da entrega radical de si mesma a Deus.

Bem se lembra ela daquele dia em que o Padre Gailhac a mandara chamar para lhe comunicar a “boa nova” da opinião favorável do seu Bispo e do seu próprio consentimento, à entrada no “Bom Pastor”. Dali, fora à La Rotonde agradecer a Deus e a Nossa Senhora a “conquista difícil”. Em seguida, com o coração em festa, vai ao cemitério de Autignac segredar ao marido a sua alegria e gratidão. Maravilhoso contraste, só possível pela fé! Diante daquele precioso jazigo as lágrimas são, nessa tarde, de alegria e júbilo!

O Padre Gailhac procura agrupar as senhoras que Deus lhe envia como alicerces da futura Congregação. É assim com Eulalie Vidal que começa a frequentar o número 42 das Allées Paul Riquet. Dirigira com uma sua irmã, um Internato em Agde, que mais tarde, transferiu para Béziers, desdobrando-o num duplo estabelecimento educativo, por causa da grande afluência de alunas. Eram conhecidos como “Internatos das Meninas Vidal”, escolas cristãs de grande prestígio.

Em Béziers, Eulalie entra em contato com o Padre Gailhac e a sua Obra. Sentido o apelo divino, oferece-se para nela consagrar a Deus a sua vida.

Assim, também com Rosalie Gibal. Perdendo os pais, muito jovem ainda, fica sob a tutela de seu irmão, o advogado Dr. Gibal. Este não lhe permite a entrada nas Irmãs da Caridade aos dezoito anos, por ser muito nova. Começa então a dedicar a sua vida aos pobres. Mais tarde conhece a Obra do Padre Gailhac e decide-se por ela. Respondia bem aos anseios de entrega aos mais desfavorecidos da sociedade.

São estas duas senhoras que vêm alterar o ritmo usual das visitas da Senhora Cure.

É muito claro, para as empregadas, que elas são diferentes de todas as outras visitas. A Senhora Cure fica muito feliz quando elas vêm. Tudo se passa com muita simplicidade e um envolvimento quase em segredo. Pelo que elas podem perceber, as conversas são mais íntimas e até dá a impressão de que, por vezes, rezam. São muito simpáticas com as empregadas, que se vão afeiçoando a elas. “Quem serão estas senhoras?”, perguntam-se elas entre si.

Estavam reunidas as condições para a realização do grande sonho que, bem acordado e em longas horas de vigília, o Padre Gailhac acalentara em oração confiante e prolongada. A pedra angular, por algum tempo rejeitada por ele próprio, estava ali, bem alicerçada na vontade de Deus e pronta a aguentar os embates inevitáveis numa mudança de vida tão radical.

Uma ou outra vez, o Padre Gailhac reúne-se em casa da Senhora Cure com Eulalie Vidal, Rosalie Gibal, Cécile Cambon

e Rose Jeantet, a fim de ultimarem os preparativos para o grande dia que se aproxima. Falta apenas Marie Roques que adoeceu e, a conselho médico, fora para a sua terra convalescer nos ares natais. Gailhac conhecendo-a bem, responde a quem receia que ela arrefeça em contato com pessoas alheias ao projeto: “Nada há a temer. Eu conheço-a bem”. E não se engana. Marie Roques acompanhará o grupo fundador.

Durante os últimos tempos, o Refúgio fora orientado por irmãos de Marie Joseph, bem aceites pelas mulheres prostituídas. E começa a constar que um grupo de senhoras virá substituí-las. Rumores muito negativos circulam por toda a casa de que as novas educadoras são muito severas. A revolta é geral. As mulheres prostituídas excitam as crianças e todas gritam: “Queremos as nossas antigas mestras”.

As irmãs de Marie-Joseph gostavam da Obra e saem contrariadas. O Padre Gailhac teria preferido que elas se ausentassem, uns dias antes. Elas, porém, quiseram sair na véspera da entrada do grupo fundador, alegando que precisavam de mais tempo para preparar a saída. E deixaram relaxar a disciplina e agravar o tumulto geral, de tal modo que o Padre Gailhac pede a um polícia amigo que venha ajudar a restabelecer a ordem entre as utentes.

E escreve à Senhora Cure:

Minha boa filha, Deus está conosco, portanto uma pequena cruz. As coisas hão-de-arranjar-se. Não posso ir esta noite. Vê-la-ei amanhã e espero que seja o dia da sua entrada. Deus e Maria dar-lhe-ão a coragem necessária. Seremos apoiadas por Deus.

Appolonie lê pausadamente o cartão do Padre Gailhac. E repete o seu refrão favorito: “Deus assim o quer”.

VIII

Memórias e recordações

É o dia 24 de Fevereiro de 1849. Véspera do Primeiro Domingo da Quaresma. Mons. Thibaut marcara esta data para a fundação do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

Logo de manhã, a Senhora Cure dirige-se para a Capela La Rotonde. Quer passar parte deste último dia naquela capela tão cara ao seu querido Eugène. Quantas vezes ele tinha ido ali rezar e desabafar as suas preocupações junto do Sacrário!

Ali se recolhe em longa oração, confiada na intercessão dele. Sabe que o seu querido Eugène está inteiramente com ela no passo radical e decisivo que vai dar. É sua convicção profunda.

Os quarenta anos de vida celebrados no início do mês, representam uma torrente de graças de que a fonte é o coração de Deus, e Maria o canal por onde correm até ela.

Recorda a infância e juventude. Pensa sobretudo em sua mãe, no testemunho de vida tão voltada para os pobres e como ela a influenciara tão profundamente. Dela lhe ficou esta marca indelével que Eugène e o Padre Gailhac acentuaram ainda mais. A ela deve também o lugar de relevo que Nossa Senhora tem na sua vida.

Recorda o pai e irmãos. O lar impregnado de virtudes cristãs, em Murviel. Vem de então a amizade de criança entre ela e Eugène, pois as famílias Pélissier e Cure eram amigas de longa data.

Recorda o tempo de colégio. A primeira comunhão e crisma para as quais tão bem a prepararam as suas educadoras. O casamento com Eugène e a sua entrada na família Cure, que tantas graças e felicidade lhe proporcionaram durante dezessete anos. Há ainda alguém que não pode deixar de lembrar com imensa gratidão. É o Dr. Jacques Cure, pai de Eugène. A ele deve a maior parte da fortuna que a acompanha e que ela doará totalmente ao Instituto do Sagrado Coração de Maria.

E mais...E mais.. Finalmente lembra e agradece a Deus “a conquista difícil” da sua vocação. Impossível mencionar tudo...Em tudo ela vê a gratuidade de Deus e dá-Lhe graças. Agradece ainda a visível proteção de Maria a quem se une por um forte vínculo filial.

Nem sempre, porém, foi assim bonançoso e tranquilo este mar da vida em que Deus a lançou, já lá vão quarenta anos. Tempestades e naufrágios marcaram momentos pesados de luto e de sofrimento. A morte dos pais, o corte forçado de relações com a família. O último, o mais forte e esmagador, a morte de seu querido Eugène, cujos despojos estão longe, em Autignac. Eles virão, juntamente com os de seus sogros, para esta capela, o Padre Gailhac já lho assegurou. Mas a pessoa está ali e já imersa na luz de Deus, assim espera. Do outro lado, na Eternidade, ele a acompanha com solicitude, ternura e força.

Confortada com a oração daquela manhã, a Senhora Cure regressa a casa. Já partiram todos os empregados. Ficou apenas o cocheiro para a última viagem, rumo ao “Bom Pastor”.

A Senhora Cure relê o cartão do Padre Gailhac escrito na véspera. Uma revolta das mulheres prostituídas exigiu a

presença dele. Appolonie compreende que a situação no “Bom Pastor” não vai ser fácil. Confia, no entanto. “Deus assim o quer”. Se Deus a ajudou a superar obstáculos tão grandes na sua vida, até ali, também agora estará com ela. Sabe por experiência que, por grande que seja a dificuldade, maior ainda é a graça e a misericórdia de Deus que são infinitas.

Dá mais uma volta pela casa para se certificar de que tudo fica em ordem. E de passagem ajoelha de novo em frente ao Oratório onde se encontra a fotografia de Eugène e onde tantas vezes se ajoelhou com ele.

As duas amigas que vão entrar com ela no “Bom Pastor” chegam à hora combinada. São Eulalie Vidal e Rosalie Gibal. Vem o cocheiro. E a Senhora Cure dá a última ordem: “Vamos!”

Chegam às dezesseis horas. Espera-as feliz e comovido o Padre Gailhac com Cécile Cambon e Rose Jeantet. Marie Roques não tardará. São as seis colunas fundamentais do novo Instituto.

Numa celebração simples, que as circunstâncias não permitem ter solenidade, o Padre Gailhac admite-as ao serviço de Deus no “Bom Pastor”. E confia-lhes a missão de lançarem os alicerces do Instituto do Sagrado Coração de Maria.

No entanto, a contrastar com este ambiente de simplicidade, lá fora na rua, há grande agitação. Comemora-se o primeiro aniversário da revolução republicana. E como que repercutindo dentro da Obra os efeitos de tal agitação, as mulheres prostituídas, descontentes com a chegada das novas mestras e partida das anteriores, continuam a revolta da véspera.

O Padre Gailhac consegue a custo reuni-las para uma pequena recepção às recém-chegadas, que se mostram muito amáveis e compreensivas. Mas elas aparentemente mais calmas, conservam um semblante sombrio, desconfiado e hostil às manifestações de carinho das novas educadoras, que não conseguindo desanuviar os seus rostos fechados, se retiram para o interior da casa.

O segredo da entrada da Senhora Cure para o “Bom Pastor” fora guardado até ao fim. Toda a população de Béziers fica agradavelmente surpreendida e admira a coragem e generosidade daquela grande senhora. O *Messenger du Midi* dá a notícia a 25 de Fevereiro: *A Casa do Bom Pastor acaba de ser colocada sob a direção da viúva Senhora Cure. As Religiosas que até aqui tinham dirigido este estabelecimento, partiram no meio de lágrimas e testemunhos de reconhecimento por parte das alunas. O Senhor Peyre, comissário da polícia, foi encarregado de vigiar para que a partida se fizesse sem agitação.*

E a 18 de Março o *Courrier de Béziers* publica a seguinte notícia: *A Senhora Cure, a quem a morte acaba de arrebatara o marido, rica proprietária e benfeitora da casa do Refúgio, Bom Pastor, entrou na Obra e assumiu a direção. Renunciando a todas as esperanças do mundo, consagra a sua fortuna a esta instituição, uma das que representa maior interesse para a nossa cidade, que nela tem muita honra.*

IX

Luz e Sombras

A mulher que chega ao “Bom Pastor” no dia 24 de Fevereiro, traz consigo um grande potencial de força e coragem. É uma natureza rica em qualidades, matizada com os próprios limites e agora, com as alterações inerentes a uma mudança de vida tão radical.

A riqueza da sua personalidade transparece no exame sumário da grafologia através de cartas suas entre 1849 e 1868.

Domínio intelectual:

Pensamento ágil, ideias claras, intuição rápida. Sentido crítico, imaginação viva, capacidade de atenção e concentração. Nível intelectual superior ao das mulheres do seu tempo.

Domínio de caráter:

Quase sempre alegre. Impulsiva, impaciente e um tanto suscetível como jovem, evolui para a maturidade, estabilidade e interiorização de adulta. Ativa e ardente. Firme nas suas convicções. Franca e reta. Corajosa e de vontade firme. Exigente consigo mesma. Enérgica - não recua diante das dificuldades, antes encontra nelas fontes de nova energia.

Como elementos femininos sobressaem:

A doçura, ternura e dom de si mesma. Forte sensibilidade. Sentido maternal, respeito pela dignidade alheia.

Domínio Social:

Espontânea com aqueles que conhece bem. Reservada com os outros. Responsável, precisando de um esforço de vontade para

se decidir à ação que depois continua com tenacidade. Exigente com os outros na medida em que deles é responsável. Dotada de iniciativa quando se trata de ajudar outros. Independente dos juízos das pessoas.

Em resumo:

Personalidade superior, bem dotada nos diversos domínios. Diante das dificuldades manifesta notável energia. Exige tudo de si mesma e muito dos outros. Necessita de um grande ideal como meta escolhida.

Appolonie tem agora quarenta anos. A força da vida. Tem diante de si a nova realidade que se apresenta, desde logo, crua e cheia de exigências. Por ela lutara tenazmente. E continuaria a lutar se fosse preciso. Abraça-a com amor e generosidade. E inicia esta nova fase da sua vida, numa altura particularmente difícil - quatro meses depois da morte de Eugène.

Nos meses anteriores a luta que se impusera e a conquista que alcançara, tinham-na absorvido de tal maneira, que o espaço para chorar a sua dor se reduzira naturalmente. Agora essa luta terminara. Conseguira o que pretendia e o que estava certa de ser o projeto de Deus para ela. É natural que o desgosto da perda do marido “nosso querido amigo no céu” se faça sentir com maior acuidade. Mas ela é e será sempre a mulher forte e determinada, humilde e corajosa. Tem também a ajuda do Padre Gailhac, a quem escreve mais tarde: “Deus deu-me como pai, especialmente desde que me consagrei a Ele, e constituiu-o duplamente meu pai. Assumiu assim a responsabilidade de uma órfã abandonada que, creio bem, tinha sido previamente recomendada pelo “nosso querido amigo” que, era semelhante a si”.

A mais elevada ideia que Appolonie pode fazer do Padre Gailhac é considerá-lo semelhante ao seu marido.

Depois da triste recepção daquela tarde inesquecível, Appolonie passa rapidamente com o grupo pela capela a entregar a Deus mais uma vez as suas vidas e missão.

No fim do dia Padre Gailhac reúne-as pela primeira vez. Fala-lhes do dom gratuito na escolha que Deus faz de cada uma e do sim generoso da sua resposta. Agora a missão é amar e glorificar a Deus e levar aquelas mulheres prostituídas e crianças a amá-l'O e glorificá-l'O. Para isso devem conformar-se com Jesus Cristo, reproduzi-l'O na própria vida porque só Ele pode glorificar o Pai.

Em seguida dá-lhes orientações práticas e atribui a cada uma as suas funções. Appolonie é nomeada superiora geral e administradora do Instituto. Eulalie é sua assistente. Rosalie futura mestra de noviças. A Cécilie, Rose e Marie Roques, são confiadas as tarefas domésticas.

Appolonie reflete e saboreia as palavras de Gailhac e escreve: “Trabalharei com todas as minhas forças por me tornar semelhante a Jesus Cristo”. Compreende que isso não é utopia inatingível, mas cerne da sua vocação de consagrada. Ela sabe que tal transformação é dom gratuito de Deus e pede-o por intercessão de Maria: “Confio inteiramente em Maria e estou convencida de que a nossa bondosa Mãe virá em meu auxílio, - Virgem Santíssima, venho lançar-me em vossos braços. Confio na vossa imensa misericórdia. É uma filha que implora a vossa proteção”.

X

Dom do coração

Foram particularmente difíceis para Appolonie os primeiros tempos no convento. Não é demais voltar a referir a situação permanente de sofrimento devido à perda do marido, cuja falta e saudade sente e vive profundamente. O esforço que se impõe para que tal sentimento não prejudique a relação com as irmãs e com as utentes, é difícil de aguentar. O domínio permanente da própria vontade. O seu temperamento suscetível. As mudanças radicais que tem de enfrentar. O paralelo mental inevitável entre a experiência anterior de autoridade bem acolhida e respeitada, e a atual, de rejeição e desrespeito. As crises de “mau humor” e “falta de coragem” que humildemente confia ao Padre Gailhac...Lista sombria que não esgota as múltiplas ocasiões extremamente difíceis por que tem de passar logo nos primeiros tempos.

Só uma estrutura psíquica muito vigorosa e uma grande dose de coragem e força de vontade, alimentadas na fé e na oração confiante, a podiam ter mantido firme no seu posto difícil. E ainda uma relação profunda e genuinamente filial com Nossa Senhora, sua verdadeira segunda mãe.

Appolonie é muito consciente do perigo que as circunstâncias adversas da sua vida pessoal podem representar para a missão e relacionamento com as pessoas. Por isso mantém-se humildemente na dependência de Deus por uma união constante com Ele. Conta muito também com a ajuda e estímulo do Padre

Gailhac, que não lhe falta. “Deus que está agora a prová-la” escreve-lhe ele, “será o seu apoio, o seu guia, a sua luz, a sua força e consolação”.

Assim, entrega-se desde a primeira hora ao serviço das pessoas que lhe são confiadas: irmãs, mulheres prostituídas e crianças. Entrega-se a cada uma como se fosse única, adaptando-se ao temperamento e circunstâncias pessoais.

Com a sua fácil intuição, dá-se conta das carências e necessidades imediatas das utentes. Vai aos dormitórios. Observa as camas para ver se têm cobertores suficientes nesse inverno particularmente frio. Abre os guarda-roupas. Certifica-se de que é necessário comprar cobertores, agasalhos e sapatos. Vai à rouparia. Ajuda a dobrar a roupa que vem de lavar e verifica o que é necessário substituir.

Melhora substancialmente as refeições, observando ela própria a qualidade dos alimentos comprados e vê que não falta nada, sobretudo às crianças mal nutridas.

Acompanha nos estudos as que precisam de ajuda para aprender a ler ou a escrever, resolve-lhes as dificuldades. E todas querem ter alguma pergunta a fazer àquela senhora tão boa e tão meiga.

À noite vai às camas delas e cobre-as carinhosamente para que não tenham frio. Ocupa-se dos cuidados de higiene das crianças vindas de bairros muito miseráveis. Tudo isso é feito com grande simplicidade e muito carinho. E sente-se amplamente compensada do sacrifício que Deus lhe pediu, não lhe dando filhos.

Todos estes serviços e responsabilidades são partilhados com as cinco irmãs que não medem esforços para colaborar e aliviar Appolonie.

Acontece, porém, que a mãe de Eulalie Vidal está gravemente doente quando esta decide entrar no convento e não convém comunicar-lhe a decisão da filha. É uma situação provisória de uns oito meses, nos quais Eulalie se desdobra entre os trabalhos no convento e os cuidados com a mãe, que vem a falecer no mês de Outubro. É então que Eulalie se junta definitivamente ao grupo, proporcionando-lhe maior apoio.

Satisfeitas as necessidades básicas das pessoas, Appolonie volta as suas atenções para a casa propriamente dita. E mete mãos à obra. Contacta diretamente construtores, canalizadores, etc. Faz os contratos. Vigia os melhoramentos.

Lentamente a casa muda de aspecto. Todos se sentem melhor. Mais tarde, compra uma propriedade rural, com casa de campo antiga, capela romântica do século XI e vasta área de vinhas e cultivo. É Bayssan_Le_Haut, a uns cinco quilômetros de Béziers. Destina-se a uma colônia permanente de órfãos, dirigida pelos Padres e Irmãos do Bom Pastor, congregação religiosa fundada pelo Padre Gailhac.

Vem a propósito referir aqui um pequeno incidente ocorrido com Godolphin, um dos cavalos atrelados á carruagem vinda da casa de Appolonie. Ela e o Padre Gailhac decidem simplificar a carruagem, atrelando-lhe apenas um cavalo - o Bijou. Godolphin seria destinado aos trabalhos agrícolas, em Bayssan. Com frequência, nas suas idas a esta propriedade, Appolonie, vê de longe Godolphin, no campo. Um dia aproxima-se. O animal

reconhece-a imediatamente, voltando para ela o olhar inteligente. Appolonie pára, acaricia-lhe a fronte e diz: “Pobre Godolphin, fidalgo feito camponês!” E recordando Eugène com imensa saudade, como é natural, os olhos marejam-se-lhe levemente de brilhantes lágrimas, que ela dissimula com um sorriso de aceitação.

Em meio destas funções de administradora, surge a mulher simples e afável que se envolve humildemente em todos os serviços da casa e sobretudo em tudo o que pode contribuir para a felicidade das pessoas com quem convive.

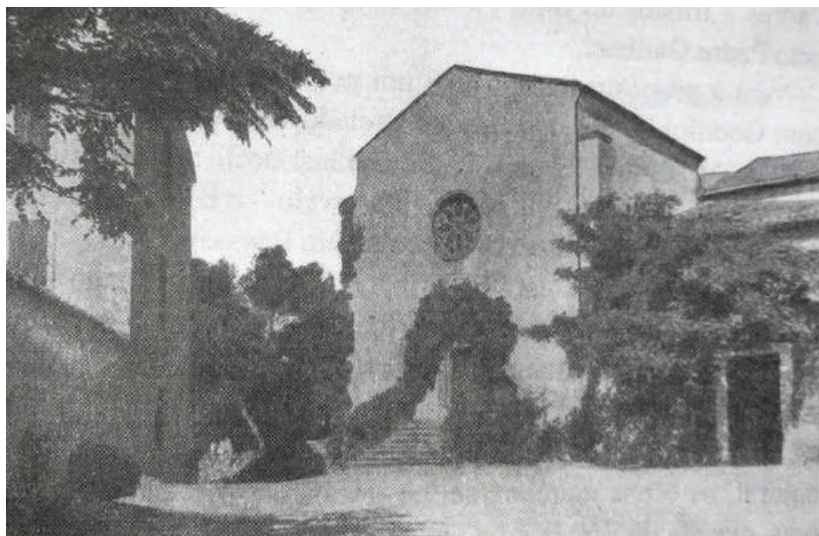
Com grande alegria para as irmãs, a 15 de Setembro, festa de Nossa Senhora das Dores, Jeanne Froment e Marie Maymard juntam-se ao grupo fundador. Appolonie pode então reorganizar as tarefas das irmãs ao serviço das utentes.

Assim, Jeanne Froment ocupa-se da missão difícil das mulheres prostituídas e Marie Maymard, das crianças. E estas vão aumentando sempre. De uma só vez dão entrada no Orfanato sete crianças negras, resgatadas no Egito por um missionário. Uma delas não aguenta a difernça de clima e morre no dia seguinte à chegada, depois de ter recebido o Batismo. As outras preparam-se para ser batizadas. São-lhes conferidos nomes novos na recepção do Sacramento.

Assim, Baguette recebe o nome de Germaine. Alima, o de Thérèse. Camina, o de Joséphine. Ami, o de François. Barbareye, o de Marie. E Sourraye, o de Anne.

Este grupinho de recém-batizados enche de gozo o coração de Appollonie. Vem diariamente passar com elas algum

tempo para lhes facilitar a integração. No momento de as deixar, abraça-as e beija-as carinhosamente. Proporciona-lhes assim a felicidade que elas nunca tiveram de se sentirem amadas. É que os mais pobres e vencidos pela vida captam as suas predileções e ocupam o primeiro lugar no seu coração.



Capela de Bayssan-Le-Haut.

No tempo das vindimas, as crianças vão também ajudar em Bayssan, o que constitui para elas vários dias de entretenimento e recreio. Para apoiar Marie Maynard, uma vez que as crianças são muitas, Appolonie vai encontrar-se com elas na vinha. Felizes ao vê-la, acolhem-na com entusiasmo. Invertem um balde e convidam-na a sentar-se junto delas. Com toda a simplicidade, conversa com as pequenas vindimadeiras e aceita partilhar das suas pequenas tarefas.

Uma tarde, surpreendidas por uma forte e inesperada tempestade, regressam a casa todas molhadas, incluindo Appolonie. Sem se preocupar consigo mesma, ajuda as menos hábeis a mudar de vestidos e a arranjar-se. É o dom do coração, a cada momento.

Assim vai crescendo entre as crianças o ambiente de alegria, tranquilidade e segurança.

O mesmo não acontece no Refúgio. As utentes deste setor continuam a causar graves perturbações de indisciplina e incorreção. Perturbações que as irmãs se sentem incapazes de resolver, apesar da oração incessante de todas por esta grande intenção. Grande desafio para a comunidade. E todas fazem o possível por apoiar e ajudar Jeanne Froment.

É um problema muito difícil e doloroso sobretudo para o Padre Gailhac. Ele fundara esta Obra com imenso amor e sacrifício. Nela colocara as suas melhores esperanças de ir transformando a sociedade de Béziers, pela cura desta chaga aberta da prostituição, na cidade.

O Refúgio tão caro ao Padre Gailhac, é abalado nos seus alicerces mais profundos, pelas próprias pessoas que ele se propusera libertar e que agora ameaçam a sua destruição.

XI

Vidas que renascem

É o final de um inverno que não fica atrás dos invernos habituais do Sul da França. Começa a sentir-se a influência da brisa suave de Abril, aliviando a agressividade dos ventos e eliminando os seus efeitos indesejáveis.

Renasce a esperança e a alegria a par e passo com o despertar da natureza. Tudo é vida a renascer! É assim no convento de Béziers, com as oito irmãs que renascem para uma vida nova, cheias de alegria e entusiasmo.

A 8 de Abril de 1850 Mons. Thibault, Bispo da Diocese, aprova as Constituições do Instituto do Sagrado Coração de Maria, escritas pelo Padre Gailhac. O Bispo confia-lhe ao mesmo tempo a responsabilidade da formação e direção da comunidade.

A primeira preocupação do Padre Gailhac é que as irmãs avancem nos caminhos da oração e contemplação e progridam na prática das virtudes cristãs sobretudo na pobreza e simplicidade. O exercício da fé e da caridade tem o primeiro lugar em todo este processo.

Gailhac sente-se feliz porque as suas colaboradoras são, na verdade, terreno fértil em que a semente germina e frutifica a cem por um.

Celebra-lhes diariamente a Eucaristia. Faz-lhes conferências semanais. Orienta-lhes o retiro anual. Acompanha espiritualmente cada uma, dando especial atenção ao crescimento espiritual de Appolonie, como Superiora.

Em espírito de obediência, Appolonie aceita a responsabilidade de colaborar no acompanhamento espiritual das irmãs, bem consciente de que deve ser estímulo e exemplo para a comunidade. É um autêntico desafio que a leva a centrar-se em Jesus Cristo. A intensificar a sua relação pessoal com Ele. A procurar reproduzir na sua, a própria vida de Jesus Cristo. A conformar-se com Ele e a segui-l'O na sua entrega a todos, particularmente aos mais desfavorecidos.

Nesta caminhada espiritual, há um passo importante na Vida Religiosa Monástica. É a mudança de vestuário e de nome, que também se verifica na Vida Religiosa Apostólica, nos séculos XIX e XX, como herança da tradição da Vida Monástica.

Assim, a 13 de Abril de 1850, vigília do Domingo do Bom Pastor, numa cerimônia cheia de simbolismo, presidida pelo Padre Gailhac, as oito irmãs trocam os seus vestidos pelo hábito religioso e recebem um nome novo.

Appolonie passa a chamar-se Saint-Jean Évangéliste. Eulalie, Sainte-Croix. Rosalie, Saint-Stanislas. Rose Jeantet, Saint-Modeste. Cécile Cambon, Saint-Aphrodise. Maria Roques, Sainte-Agnès. Jeanne Froment, Saint-Cyprien e Marie Maynard, Saint-Félix.

Um ano ou mais as separa da profissão religiosa. Será o grande momento a culminar a preparação espiritual de uns dois anos, a contar da entrada para o Instituto, a 24 de Fevereiro.

Dos ensinamentos do Padre Gailhac, a Irmã Saint-Jean intui facilmente a necessidade de se consciencializar de que é continuadora da missão de Jesus Cristo e de que é chamada a colaborar na obra da Redenção.

Como ela própria está sendo formada, assim transmite, na sua frescura inicial, os princípios de vida nova que recebe. É discípula e mestra ao mesmo tempo, na transmissão de tudo o que o Espírito Santo lhe sugere, por intermédio do Padre Gailhac. Sabe que o testemunho é contagiante e que, de muito pouco valem as palavras se a vida lhes não dá peso e valor. Por isso escreve: “Procuro caminhar segundo o exemplo de Nosso Senhor e corresponder às incontáveis graças que Deus me concede”.

É sua preocupação manter-se na presença de Deus, ver Deus em tudo e em todos e não querer senão a sua vontade. Pertencer totalmente a Deus e tudo fazer para sua glória.

É isto o que ela quer praticar e procura que as suas irmãs pratiquem também.

Escreve ainda. “Dou graças a Deus por me dar um coração que só aspira a viver para Deus e a ser um com a sua santíssima vontade...Procurarei que as minhas filhas, de quem Deus quer que eu seja mãe e consoladora, formem uma comunidade centrada em Deus, seguindo sempre a sua vontade santa e amorosa”. E ainda: “Como é bom fazer tudo por Ele e para sua glória!”.

Sabe e sente que pertence a Deus e que Jesus lhe pertence. “Como é bom poder dizer: Jesus está comigo e eu pertenço a Jesus!” Tem uma consciência muito viva de que Ele se lhe entrega diariamente na Sagrada Comunhão: “Estremeço quando penso que uma criatura tão pobre pode hospedar o seu Deus. Quão puro deve ser o meu coração, discreta a minha língua, para tomar parte neste sublime banquete, que ultrapassa a minha imaginação... Todos os dias me aproximo da sagrada mesa. Todos os dias Deus se humilha vindo a mim, tornando-Se meu alimento”.

A sua grande fé na Eucaristia leva-a à convicção firme de que Deus, entrega-Se-lhe diariamente, irá transformando a sua vida humana em vida divina.

Ao lado da Eucaristia, tem lugar de destaque Nossa Senhora, sua Mãe. Como poderia não ser assim agora, se já na infância, Maria tinha conquistado o seu coração de criança?

Tristezas e desânimos são normais na transição brusca que a natureza muitas vezes rejeita e que ela comunica humildemente ao Padre Gailhac: “Tenho grande confiança em que Maria me alcançará de seu Filho um humor estável e equilibrado, uma disposição sempre amável. Minha boa Mãe, venho a Vós para implorar a vossa misericórdia e Vos pedir insistentemente que não me recuseis o que Vos peço, para que as minhas resoluções sejam efetivas, por Jesus Cristo vosso Filho que, tenho a certeza, nada me recusará do que Vós Lhe pedirdes”.

É por vezes de uma grande candura e simplicidade no trato com Nossa Senhora: “Sim, boa Mãe, junte-se a mim para ambas Lhe darmos graças de uma forma digna de Deus, cuja bondade é tão liberal e generosa para quem é tão desprezível”.

A Irmã Saint-Jean, porém, não pede apenas para ela e para a sua comunidade. O seu querido “Bom Pastor” está sempre também no horizonte das suas intenções: “Venho pedir-Vos, boa Mãe, que me alcanceis de Jesus, Vosso Filho, as graças necessárias ao nosso “Bom Pastor”, para que Ele o proteja, ajude e liberte das ciladas que tantas formas lhe são armadas”.

A sua imensa confiança na misericórdia de Deus e o seu apreço pela vocação religiosa são muitas vezes citados. Referindo-se ao desgosto da perda do marido, diz: “...sofrimento que eu

só pude suportar porque Deus, na sua infinita misericórdia, me chamou a uma tão sublime vocação. Dou graças a Deus por me ter escolhido na sua misericórdia, para ser mãe de uma comunidade”.

O clima interior, a espiritualidade da Irmã Saint-Jean iluminada pelo sol da sua intimidade com Deus, tornam-na amável, sorridente e acolhedora. Todos lhe reconhecem a justiça e imparcialidade, a solicitude pelas diferentes pessoas que habitam o “Bom Pastor”. Testemunhos a seu respeito reconhecem nela: Uma fisionomia suave. Um sorriso maternal que inspira confiança e coragem.

O dom invulgar de ser amiga nos momentos difíceis. O dom de inspirar liberdade interior e de animar as irmãs a crescer alegremente.

O dom de estimular e ajudar a desenvolver os talentos das pessoas a ela confiadas.

A faculdade de agir sempre de maneira oportuna e discreta. O amor à verdade.

O Padre Gailhac, falando às órfãs, dizia da Irmã Saint-Jean: “Nunca, repito, nunca surpreendi nela a menor sombra de dissimulação”.



*Claustro da
Casa Mãe.*

XII

Suprema entrega

É o dia 4 de Maio de 1851. Domingo do Bom Pastor. Dia da entrega suprema. O sol da Primavera inunda de luz a Capela La Rotonde tão impregnada de recordações para a Irmã Saint-Jean. Mas não é nessas recordações que ela hoje se detém. Toda ela se orienta exclusivamente para a entrega da sua vida pobre e humilde, por amor ao seu Deus. Por isso, é toda louvor e adoração.

Com ela, toda a comunidade, recolhida e atenta à intensidade do momento que se aproxima. Nada as distrai do grande objetivo daquela hora de graça. Nem as flores, luzes e adornos da capela, brilhantemente decorada. Nem as pessoas que vão entrando, muitas delas curiosas de ver e ouvir Madame Cure. Os familiares convidados. Os amigos e conhecidos da Irmã Saint-Jean e das outras irmãs. Tudo se passa entre elas e Deus.

Preside à cerimônia Mons. Thibault, rodeado de muitos sacerdotes: os párocos da cidade e outros convidados. Na homilia, o Bispo exalta a Vida Religiosa. Dirigindo-se a Madame Cure, Irmã Saint-Jean: “É um grande testemunho o que acaba de dar, consagrando totalmente a sua vida e fortuna ao alívio dos pobres. Deus a recompensará.

São benzidas as insígnias da profissão religiosa: uma cruz trifoliada em prata, pendente de um coração com as palavras: “Ut Vitam Habeant” (Para que Todos Tenham Vida).

Em seguida fazem individual e publicamente, os votos de castidade, pobreza e obediência. A estes votos juntam ainda

um voto de zelo. E ouvem do Bispo a promessa divina de “vida eterna”, como recompensa da fidelidade aos seus votos.

As irmãs são conscientes de que, pelos votos, passam a ser pertença exclusiva de Deus. Permanecendo tudo exteriormente como antes, tudo muda aos olhos de Deus. Dessa grande realidade estão bem convencidas. Por isso a ação de graças brota dos seus corações em *magnificats* de júbilo: “Deus olhou para a pobreza da sua serva. Santo é seu nome”.

Entretanto, a situação no Refúgio agrava-se cada vez mais. A Irmã Saint-Cyprien, mesmo com a ajuda possível da comunidade, não consegue dominar a indisciplina da maior parte das prostitutas. É que, no fundo, elas rejeitam a própria recuperação.

Depois de muito rezar, as irmãs decidem falar com o Padre Gailhac que, aliás, está a par do que se vai passando. Um dia, então, a Irmã Saint-Jean vai ter com ele e diz-lhe:

- No Refúgio, a situação que o Padre Gailhac conhece, degrada-se cada vez mais. Por muito que nos esforcemos não somos capazes de dominar a revolta e má vontade da maior parte das utentes.

- Sim, eu sei, diz o Padre Gailhac. E em discernimento tenho pedido muito a Deus nos manifeste a sua vontade. É uma situação que a todos nos faz sofrer. Se Deus escreve os seus desígnios através dos acontecimentos, só nos resta saber lê-los.

- Quem mais sofre é o Padre Gailhac, continua a Irmã Saint-Jean. Todas nós sabemos quanto lutou e sofreu para fundar o Refúgio. Sabemos o lugar que estas infelizes ocupam no seu coração.

- O que importa, porém, é o que Deus quer, diz o Padre Gailhac, cheio de fé e coragem. Todos os sacrifícios que fiz para o estabelecimento do Refúgio em Béziers, Deus dignou-Se aceitá-los. E eles frutificaram. Por isso Lhe dou graças. Agora vejo que Deus não concedeu às irmãs os dons necessários para continuar esta obra. E isso é para mim sinal de que Deus quer outra coisa de nós. Vamos refletir em conjunto. Que lhe parece, se em vez de mulheres vindas da prostituição, acolhêssemos jovens em perigo de virem a cair nela? Seria até talvez uma forma mais eficaz de combater este flagelo na nossa cidade. Por muito que esta mudança me custe, tal ideia não me larga na oração. Por isso estou convencido de que por aí passa a vontade de Deus.

A Irmã Saint-Jean sabe como esta solução é dolorosa para o Padre Gailhac. Como também é dolorosa para ela...E procura consolá-lo com palavras filiais que o Espírito lhe sugere. Ser consoladora é função que ela se compraz em assumir.

Fica feliz por antever um futuro mais pacífico e tranquilo para a comunidade. E assim, pouco a pouco, o Refúgio vai-se transformando. Dá então lugar a uma obra nova, a Preservação, que pretende acompanhar jovens e adolescentes antes de enveredarem por tais caminhos de perdição.

O objetivo da Preservação é educar as suas protegidas na prática da virtude e dar-lhes instrução e preparação intelectuais apropriadas.

Na sua intuição, inteligente e profética, a Irmã Saint-Jean dá graças a Deus. O Instituto de que ela é, por vontade de Deus, co-fundadora e superiora geral, procura descobrir nos talentos das pessoas que Deus lhe envia, os caminhos da missão.

XIII

Novos caminhos de missão

Há já muito tempo que uma violenta tempestade de insultos e calúnias se abate sobre a Irmã Saint-Jean e o Padre Gailhac. A bem dizer, desde a entrada de Madame Cure para o Convento.

A venda de terrenos em Autignac, os trabalhos de reparação e restauração da casa do “Bom Pastor”, logo no início, acarretando grandes despesas, a compra de terrenos para o aumento das instalações existentes, a compra do domínio Bayssan-le-Haut; e ainda outras vendas e consequentes compras. Além disso, a Irmã Saint-Jean faz testamento, legando a totalidade dos seus bens móveis e imóveis ao Instituto do Sagrado Coração de Maria, constituindo-o seu herdeiro legal e universal.

Tudo isto desagrada profundamente aos parentes de Eugène Cure e da Irmã Saint-Jean, que iniciam uma campanha de difamação contra ela e o Padre Gailhac. Este é ainda acusado de desviar a herança a que eles tinham direito e de explorar a viúva Cure. São boatos que correm pela cidade.

Mons. Thibault visita com frequência o convento do Sagrado Coração de Maria e sabe que esses ataques têm origem em ambições e invejas. A sua presença é uma forma de evidenciar a falsidade de tais calúnias. E é para mostrar publicamente o seu apoio à Irmã Saint-Jean que, na cerimônia da profissão religiosa, elogia o seu gesto doando a “fortuna ao alívio dos pobres”.

É muito grande o sofrimento da Irmã Saint-Jean e do Padre Gailhac! Sofrimento e boatos que se refletem também no “Bom Pastor” e no Instituto do Sagrado Coração de Maria. Na sua fé inabalável e fortaleza na provação, a Irmã Saint-Jean procura consolar e ajudar o fundador a enfrentar com coragem as calúnias que o atingem mais diretamente a ele. E escreve-lhe: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Ninguém. Coragem, portanto. Demos graças a Deus por estas provações. São o meio de mais fortemente nos prendermos a Ele. Não é isto o que nos tem dito tantas vezes? No entanto, peço a Deus que as suas preocupações terminem. O mundo falará enquanto existir. Mas olhe para o Alto e verá a infinita recompensa que lhe está reservada”.

Convencida de que é sua missão ajudar o Padre Gailhac, continua: “Coragem. Tem de avançar. Deus deu-me a graça de o ajudar em todas as lutas que o demônio e o mundo quiseram travar contra si para o desanimar e, se pudessem, impedir a



Grupo de Irmãs e primeiras alunas com o Padre Gailhac.

O Refúgio continua em fase de extinção. Algumas mulheres prostituídas são expulsas. Outras são transferidas para o Refúgio de Montpellier. Fica um pequeno grupo que deseja consagrar-se a Deus.

Não podendo elas ingressar na Vida Religiosa, o Padre Gailhac e a Irmã Saint-Jean decidem fundar uma espécie de Ordem Terceira, denominada Irmãs da Virgem e mais tarde, Oblatas de Maria. O primeiro grupo de Oblatas de Maria vem do Refúgio. As que se seguem, porém, vêm da Preservação.



Pátio do Cours Saint-Jean.

A sua espiritualidade tem por base a caridade, o espírito de fé, humildade e simplicidade. A devoção filial a Nossa Senhora é particularmente recomendada. A oração deve envolver toda sua vida.

A Irmã Saint-Jean reserva-lhes uma parte independente da casa: uma sala grande, refeitório, dormitório, quartos de enfermaria, locutório, um corredor largo para recreio e um pequeno jardim.

No aspecto de ministérios, as Oblatas participam na vigilância das crianças no Orfanato e na Preservação, orientam a confecção de roupas e ajudam as Irmãs. Durante o generalato da Irmã Saint-Jean, são ótimas auxiliares das obras do Instituto.

As últimas Oblatas de Maria terminam a sua existência, inserindo-se entre as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Quase simultaneamente com estes acontecimentos, era publicada em França uma lei que facilitava às congregações religiosas a direção de estabelecimento de ensino.

Assim, o Instituto do Sagrado Coração de Maria decide abrir-se também à educação e ensino dirigidos a um estrato social de maior poder econômico.

E na verdade, entre as irmãs do primeiro grupo, grande parte era qualificada para a educação e ensino.

O Padre Gailhac com a Irmã Saint-Jean marcam para Outubro de 1851 o início do Internato, conhecido por Cours Saint-Jean. A Irmã Sainte-Croix, com a experiência da direção de Internato, é nomeada diretora. É grande educadora e possui qualidades pedagógicas em elevado grau. No Cours Saint-Jean organiza uma equipe de várias irmãs a quem procura comunicar a sua visão de fé e de respeito pela dignidade das crianças, aliando sempre a bondade à firmeza. Consegue assim um ambiente saudável de alegria e felicidade.

Este ambiente, é também o que as irmãs procuram criar no Orfanato e Preservação, sob a orientação inteligente da Irmã Saint-Jean.

Tais circunstâncias marcam a personalidade das educandas, em geral. A grande preocupação das irmãs é desenvolver nas crianças e nas jovens das várias condições sociais, isto é, nos três setores, a vida de fé e a prática da vida cristã: preparação para a primeira comunhão, confirmação e festas litúrgicas. O Padre Gailhac orienta os Retiros e faz-lhes conferências.

A formação humana e escolar nos três setores é um meio de levar as educandas ao conhecimento e amor de Deus. O nível de estudos ministrado é o primário, em geral. No Cours Saint-Jean, no entanto, o ensino é mais científico e sistematizado, podendo as alunas ter acesso ao nível secundário, com aulas de Literatura, História, Línguas vivas, Lógica, Geografia, História Natural, Botânica. E ainda as disciplinas complementares, como Música, Desenho e Artes.

As autoridades municipais consideram de nível muito elevado o ensino no Cours Saint-Jean. E é de fato ousado para aquela época.

A indigência e sofrimentos físicos de muitos pobres na cidade, levam a Irmã Saint-Jean e a comunidade a procurar aliviá-los. Para isso rezam e refletem. E decidem abrir um Dispensário.

A Irmã Inês, uma das mais novas do grupo fundador, é a escolhida para prestar este serviço. É sua característica esquecer-se a si mesma para ajudar quem precisa. E fá-lo sempre com um sorriso amável. Por isso sente-se feliz com o novo ministério.

No Dispensário, a Irmã Inês acolhe os doentes com muita bondade e competência. Trata-os gratuitamente. Proporciona-lhes os cuidados de que necessitam. Os doentes da cidade, sobretudo os mais pobres, são assim atraídos ao Dispensário, em grande número.

É sempre um momento feliz na comunidade quando a Irmã Inês lhes relata, com entusiasmo e com humor, as suas experiências no Dispensário. Nesta irmã, todas as outras se sentem enviadas a acarinhar e dar alegria àqueles irmãos tão carenciados.

Na cidade, fala-se muito do Dispensário. Até as autoridades mostram o seu agrado por mais este serviço prestado pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

A Irmã Saint-Jean, sempre atenta às necessidades dos diferentes setores, empreende ainda várias construções essenciais ao bom funcionamento de cada um. A construção de um pavilhão para o Internato ou Cours Saint-Jean. Um outro para o Noviciado, dado que o número de noviças, jovens em formação, vai crescendo. O aumento de espaços para a comunidade, assim como para o Orfanato e Preservação. Manda construir uma nova Capela contígua ao pavilhão das educandas da Preservação.



Pátio da Comunidade e do Noviciado.

A Capela La Rotonde, conhecida também por Capela do Bom Pastor, passa a ter como Padroeira a Virgem Maria e a chamar-se Capela do Sagrado Coração de Maria.

Para aumentar também os espaços ao ar livre, onde as jovens possam ter os seus recreios e organizar jogos em ambiente saudável, a Irmã Saint-Jean compra terrenos contíguos aos muros do convento. Assim cada setor, incluindo a comunidade e o Noviciado, fica com o seu pátio privativo. Tudo isto, porém, é feito com muita simplicidade e sem pretensões.

Um pequeno acontecimento sublinha bem, não só o seu desprendimento como a profunda convicção de que ela nada tem e de que tudo pertence à comunidade. Um dia em que se preparava para sair, uma irmã vem dizer-lhe:

- Minha Irmã, a sua carruagem já está à porta.

Mas a Irmã Saint-Jean contesta com um certo desagrado:

- Minha querida Irmã, eu não tenho carruagem. Deve dizer: a carruagem da comunidade.

A presença dinâmica e amável da Irmã Saint-Jean inspira confiança e faz circular o mesmo espírito em todo o grande complexo de pavilhões, matizados por uma grande variedade de pessoas.

É seu carisma criar unidade, congregar e orientar numa direção comum.

A bondade e respeito pela dignidade de cada pessoa, no trato com as irmãs e as educandas, atraem a estima e a simpatia e facilitam a aceitação da sua exigência no cumprimento de tudo o que está prescrito.

XIV

O selo das Obras de Deus

A Irmã Saint-Jean acaba justamente de dar a sua volta habitual pelos diferentes setores. Começara pelo Orfanato. Em seguida, a Preservação e o Internato. Deixara para o fim o Noviciado. Gosta de se demorar com as noviças, de conversar com elas e ajudar à sua integração na Vida Religiosa.

Ao percorrer o longo corredor, pensa no que o Padre Gailhac tantas vezes diz: “Aproveitar os momentos em que o pensamento está livre para o elevar e fixar em Deus”, E assim faz. Louva e agradece a Deus os dons concedidos à Irmã Saint-Stanislas que, desde a primeira hora, fora designada para mestra de formação. O fundador conhecia a sua vida espiritual profunda, o esquecimento de se própria em favor dos outros e o seu amor aos pobres. Por isso a considerara capaz de formar as primeiras gerações de Religiosas do Sagrado Coração de Maria, apesar da sua saúde frágil.

Estamos na Primavera. Primeiros dias do mês de junho. No Pátio do Noviciado, as noviças haviam preparado o espaço junto ao nicho do Coração de Jesus cercado de rosas, para o encontro com a Irmã Saint-Jean. Tudo convida a momentos de intimidade com a sua querida superiora geral. Ela tem sempre um sorriso acolhedor, uma palavra de estímulo e coragem. E sobretudo escolhe sempre temas de conversa de que elas gostam.

Entre as noviças encontram-se duas jovens irlandesas, Teresa Hennessy e Rosanna McMullen, respectivamente, Irmãs Saint-Thomas e Saint-Charles. A Irmã Saint-Jean fala-lhes em primeiro lugar, da felicidade de pertencer a Deus e dos meios a empregar para não se pertencerem a si mesmas. E ainda,

da felicidade de possuir a Deus para quem tem a dita de O comungar. “Jesus está conosco e nós pertencemos a Deus. Jesus descansa em nosso coração”. É uma pertença recíproca que vai transformando progressivamente quem O recebe, no próprio Jesus. Numa palavra: pertencer só a Jesus e viver só para Ele. Isto implica dar todo o coração a Deus.

Há uma ideia que não deixa de comunicar às noviças: “Que eu me torne naquilo que Ele quer que eu seja”. É que esta ideia anda continuamente no seu espírito. No tema de ação de graças, a Irmã Saint-Jean expande a sua gratidão: “Não merecemos as graças que Deus derrama continuamente sobre nós! Quantos benefícios Deus nos concede! Que alegria sermos esposas de Cristo! Deus não nos pode dar graça maior. Agradecemos com entusiasmo as bênçãos que Deus derrama sobre nós, e em especial a graça de Se nos dar como alimento... na sua infinita bondade e misericórdia. Que podemos nós fazer para sermos dignas destes dons inefáveis que Deus nos concede a cada momento?”

Fala-lhes também da docilidade em aceitar de Deus todas as contrariedades e pequenas dificuldades... “Como é possível recusá-las, vendo-O no presépio, pobre e despojado de tudo, sem nada do que é necessário?... E mais tarde, coberto de humilhações e insultos?”.

Repete-lhes a necessidade de oferecerem a Deus preocupações e pequenas cruces que preenchem os dias. E termina com uma das suas frases lapidares: “Nada é difícil quando tudo se faz por Deus”.

Não há dúvida de que ela vive intensamente tudo o que lhes diz. O Noviciado é o oásis em que a Irmã Saint-Jean encontra a frescura e entusiasmo da juventude, que lhe temperam a aridez do deserto em que por vezes vive.

Depois do encontro com as noviças, a Irmã Saint-Jean e a Irmã Saint-Stanislas trocam impressões entre si. É a altura de aferir critérios, rever orientações e dar atenção a situações pessoais e concretas. São conversas sempre longas e importantes para o bom andamento do Noviciado.

Ainda falavam, quando uma noviça lhes vem dizer que a Irmã Saint-Basile, uma outra noviça, está a sentir-se muito mal. Correm ambas para ela e vêem que está gravemente doente. Tudo tão repentino e tão imprevisto! Chamam imediatamente o médico que diagnostica uma grave hemorragia intestinal, correndo a doente perigo de vida.

Avisam imediatamente a família. Mas a doença faz rápidos progressos e a noviça morre. Grande consternação na comunidade, sobretudo para a Irmã Saint-Jean e para o Padre Gailhac.

A doença desfigurara rapidamente o corpo da vítima, de modo que só aos pais e irmã é permitido vê-la. Isto desencadeia graves protestos dos restantes familiares, no próprio cemitério. Perturbam o funeral e fazem correr o boato de que o Convento pretende esconder um crime grave.

A Irmã Saint-Jean refugia-se em Deus e sofre sobretudo pelo Padre Gailhac a quem as calúnias se dirigem mais diretamente. As autoridades civis são informadas por cartas anónimas e difamatórias. A opinião pública é afetada pelos rumores que a família habilmente espalha na cidade.

O Bispo, Mons. Thibault, não responde ao Padre Gailhac que várias vezes a ele recorre. A Irmã Saint-Jean resolve então escrever a Mons. Thibault apresentando acima de tudo a

injustiça de que é alvo o Padre Gailhac e o sofrimento em que está mergulhado.

Na resposta, Mons. Thibault dá-lhe a certeza de que o seu silêncio tem apenas em vista defender os interesses do Padre Gailhac e da comunidade, mantendo um certo distanciamento, enquanto espera que se faça justiça. E acrescenta: “Já é tempo de se saber em Béziers, que a ingratidão, quando toma a forma de insultos contra alguém que só pratica a caridade, é repugnante e deve ser severamente castigada”. É mais um momento em que a Irmã Saint-Jean exerce a missão de consoladora do Padre Gailhac.

Este, não em defesa própria, mas em defesa da comunidade do Sagrado Coração de Maria, recorre ao Tribunal, apresentando queixa contra os autores da desordem no cemitério. E tudo se esclarece, com as contradições das testemunhas que depõem contra ele, e com a deturpação dos fatos.

Finalmente vem à superfície a verdadeira causa do levantamento de todos os boatos: uma vez mais, a fortuna de Appolonie agora Irmã Saint-Jean e o interesse dos parentes de Eugène Cure em recuperar, ao menos parte, a fortuna da família.

Não foi de longa duração este tempo de ataques e calúnias. Apenas umas semanas. Mas de uma intensidade de sofrimento difícil de aguentar. Outra grande prova é a cólera que se abate sobre a cidade de Béziers. A Casa Mãe não fica isenta. Apesar de todas as precauções, morrem três órfãs.

O Padre Gailhac e a Irmã Saint-Jean sabem que é este o selo das Obras de Deus.

XV

Deus assim o quer

O mês de Dezembro fizera a sua entrada com acenos de rigoroso inverno.

A cidade de Béziers e todo o Languedoc, na imensa região entre os Alpes e os Pirineus são fustigados pelos ventos frios e agrestes dos cumes nevados das altas montanhas. Os imponentes maciços cobertos de alvos mantos de neve impõem a sua majestade e determinam o clima daquela extensíssima parte da França.

Não é apenas o frio climático que se faz sentir no Convento do Sagrado Coração de Maria. Há um outro, ainda mais difícil - as mortes das irmãs, às quais a Irmã Saint-Jean é particularmente sensível. Durante o tempo de superiora geral, isto é, durante a sua vida religiosa, morrem quinze irmãs, entre as quais duas noviças e três pré-noviças. Uma das noviças é precisamente a Irmã Saint-Basil, cuja morte foi ocasião de tão graves perturbações. A outra, é a Irmã Saint-Alphonse, irlandesa. O fato de ser estrangeira aumenta ainda o desconforto.

A Irmã Saint-Jean sofre terrivelmente sempre que morre alguma irmã. Nada a pode consolar. Refugia-se na oração e não quer que ninguém perturbe o seu colóquio íntimo com a irmã falecida e com Deus.

O mês de Dezembro vai avançando e com ele a triste realidade do agravamento da doença da Irmã Saint-Stanislas Gibal, que se vai confirmando dia a dia.

Esta Irmã, com a Irmã Sainte-Croix Vidal, fora companheira amiga e íntima testemunha dos seus últimos tempos nas Allées Paul Riquet. Tinha sido sua excelente colaboradora quando distribuía pelos pobres e doentes, mantimentos e uma parte do recheio da casa que ia deixar. E com que satisfação Rosalie Gibal o fazia! Ainda com Eulalie Vidal, acompanhara-a na carruagem, rumo ao “Bom Pastor” na inesquecível tarde do dia 24 de Fevereiro.

E não se poupou à humilhante rejeição que marcou o encontro das seis fundadoras com as mulheres prostituídas e crianças do “Bom Pastor”.

A Irmã Saint-Jean não podia pensar que em breve ficaria privada do apoio e convivência desta querida Irmã. Mas acolhe na fé a vontade divina: “Deus assim o quer”.

E no dia 15 de Dezembro de 1859, com a presença da comunidade e da Irmã Saint-Jean, lavada de lágrimas, morre a Irmã Saint-Stanislas. A saúde da Irmã Saint-Jean ressentia-se ainda mais. E cheia de confiança, recorre a Nossa Senhora: “Ó Virgem Santíssima, nossa Mãe, sei que não nos abandonareis. Por vossa grande bondade tereis piedade de nós. Que posso temer, Virgem tão amorosa, se estamos sob a vossa proteção? Ó Bem-aventurada Virgem Maria, venho até Vós com toda a confiança, pedindo-Vos que olheis, cheia de compaixão, para as vossas filhas”.

Algum tempo antes da morte da Irmã Saint-Stanislas, a Irmã Saint-Jean é acometida de uma pneumonia. Durante quase um mês, a doença, longe de ceder, mantém-na entre a vida e a morte. Por isso a morte da Irmã Saint-Stanislas é particularmente difícil para ela.

Não sente em si a força de que precisa para ultrapassar a dor e a falta de sua irmã. Mas a fé vence todas as resistências físicas. E a Irmã Saint-Jean, no seu íntimo, goza com a ideia da felicidade sem par de que a Irmã Saint-Stanislas desfruta já na posse eterna de Deus.

Passado algum tempo, começa a sentir algumas melhoras e acaba por recuperar. Mas a sua saúde nunca mais será a mesma. O médico aconselha uma deslocação a Vichy para tratamento. Os resultados são positivos. Renasce a esperança na comunidade. Porém, os últimos dez anos são pautados por frequentes crises de fígado, que lhe causam grande sofrimento físico.

A sua bondade e paciência não se alteram. As Irmãs encontram-na sempre sorridente e acolhedora, mesmo com dores quase constantes. A sua grande preocupação é dissimular o sofrimento para manter na comunidade um ambiente de serenidade e confiança.

Continua a ocupar-se dos cuidados gerais das alunas em todos os setores, e sobretudo das Irmãs. A doença não a impede de pensar nas noviças que acabam de perder a sua mestra na altura da preparação do Natal. Nomeia então a Irmã Saint-Félix para substituir a Irmã Saint-Stanislas e preparar com elas a grande celebração do nascimento do Salvador. Recomenda-lhe que procure suavizar ao máximo a dor da separação da querida mestra.

É sempre com muito carinho que o seu coração se debruça sobre todos os que sofrem. É sua característica também, ser amiga nos momentos difíceis e amar os infelizes. Com grande espírito de fé, abraçara todas as responsabilidades que o Fundador lhe confiara. E isto desde a primeira hora. “Estou

determinada - escreve ela em Setembro de 1849, seis meses depois da entrada - a trabalhar com todo o meu coração pela minha santificação e pela das minhas irmãs”.

E mais tarde: “Que ações de graças eu deveria dar a Deus por me ter chamado na sua misericórdia a pertencer ao número das escolhidas, para fundar uma comunidade... Quero fazer tudo o que for possível para agir segundo a vontade de Deus. E não só eu, mas também as minhas irmãs e minhas filhas. A comunidade será assim toda centrada em Deus, seguindo a sua vontade santa e amorosa... As minhas irmãs me ajudarão a não ser indigna do lugar que ocupo e para o qual Deus me chamou, como superiora e mãe de uma família tão grande. Espero, na sua infinita misericórdia, assumir as minhas responsabilidades de forma a corresponder às graças que Deus me concede dia a dia”.

O seu zelo incansável, pela santificação de todas as irmãs, valeu-lhe uma grande dedicação e amizade de todas.

Por isso ela confidencia: “Que amizade e dedicação recebi, em troca de um pouco de dinheiro”.

A Irmã Saint-Charles McMullen dizia da Irmã Saint-Jean: “É bem a pessoa de inteligência, de consciência e de coração”. Definição capaz de sintetizar os parâmetros pelos quais a Irmã Saint-Jean orienta a sua vida.

XVI

Parâmetros de vida

Não é fora do vulgar, a Irmã Saint-Jean ser chamada a qualquer dos setores de educandas para resolver alguma dificuldade maior, sobretudo tratando-se de aliviar alguém em situação de sofrimento ou infelicidade. Ou até de corrigir alguma aluna, como só a Irmã Saint-Jean sabia fazer, evitando que ela se sentisse muito infeliz. E conseguia-o com a discrição e delicadeza de sentimentos em que envolvia a triste ocorrência.

É o caso de Hortense, uma das educandas do Orfanato, na seção das maiores. Hortense é uma jovem inteligente mas particularmente rebelde. Um dia a Irmã Saint-Jean, em circunstâncias não identificadas mas particularmente grave, vai à sala, entra suavemente e diz com serenidade: “Tenho necessidade de falar com a Hortense”. A jovem cora muito, levanta-se e segue a Irmã Saint-Jean, que a leva a outra sala onde a repreende durante algum tempo. Em seguida, a jovem volta, mais corada ainda.

A Irmã Saint-Jean guarda absoluto segredo de tudo o que se passou. E a jovem sente-se feliz porque tudo ficou entre ambas.

Aconteceu também no Cours Saint-Jean que uma aluna, órfã de mãe, perde ao mesmo tempo o pai e toda a fortuna. Imensa tragédia que ela sente profundamente! Informada, a Irmã Saint-Jean manda-a chamar. Abraça-a e consola-a com palavras saídas do coração sempre aberto a qualquer infortúnio. e diz-lhe que não tenha preocupação com a parte financeira: “No futuro,

sou eu que me responsabilizo por tudo o que é material”. A cronista, Irmã Saint-Charles, sub-diretora do Cours Saint-Jean, acrescenta: “A palavra da superiora geral valia por um contrato. As suas preferências incidiam sempre sobre os vencidos da vida, qualquer que fosse o seu estatuto social”.

A mesma cronista refere ainda a sua justiça, equidade e solicitude para com todos. Em caso de conflito entre duas pessoas de desigual posição na sociedade, ela “ouve atentamente as duas partes, dá razão a quem a tem, com uma secreta e mal dissimulada propensão para a parte mais fraca...”

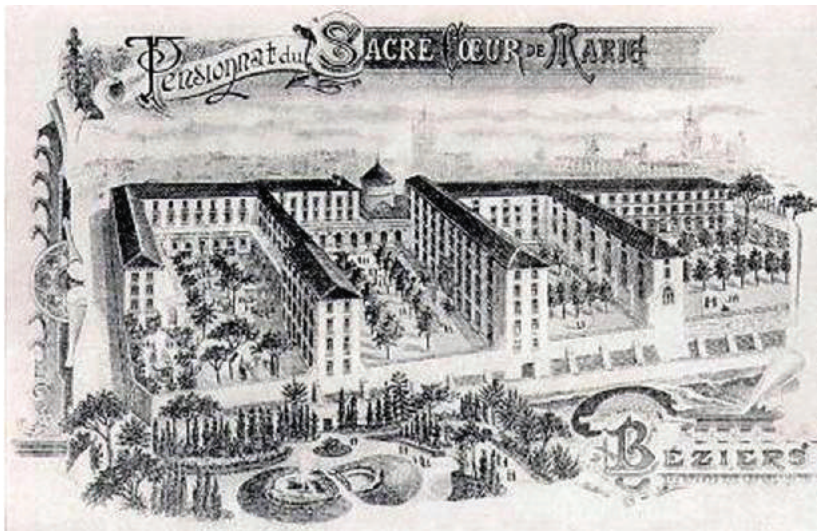
A relação da Irmã Saint-Jean com as irmãs e educandas vai-se tornando cada vez mais simples e afável. A sua presença ativa e exigente, quando necessário, é temperada pela suavidade e doçura que, por vezes, sucedem a atuações repressivas. Assim se vai gerando em todos os setores um clima de à vontade, confiança e entusiasmo.

Nela se joga, em última análise, o triunfo da graça sobre uma natureza viva e impulsiva. Dir-se-ia que a transformação progressiva em Jesus Cristo, a que tantas vezes faz referência, vai tomando rosto e transparecendo nas suas atitudes.

Mantém a expressão distinta e simples, ao mesmo tempo que aproxima as pessoas e lhes dá facilidade para partilharem dificuldades ou pedirem conselho e orientação. A irradiação da sua pessoa torna o ambiente da casa leve e acolhedor.

A doença, porém, continua a arruinar-lhe as forças, o que constitui uma grande preocupação para o Padre Gailhac. Ela, no entanto, assume como missão que Deus lhe confia o papel

de consoladora. Consolar as irmãs, quando sofrem, é o seu grande objetivo. E é tanto mais eficaz quanto ela própria tem experiência de sofrimento. “Que eu seja capaz de as consolar e aliviar em seus sofrimentos”, escreve ela ao Padre Gailhac.



Casa Mãe (no tempo da Irmã Saint Jean).

Trata com muita ternura as irmãs doentes. Tem com elas cuidados de mãe. Ocupa-se do que é necessário a cada uma com a delicadeza que o seu grande coração lhe inspira.

No entanto, parece que esta missão de consoladora visa de modo especial o próprio Padre Gailhac. O sucesso dos empreendimentos apostólicos e sociais deste sacerdote, a própria doação dela com a sua herança a esses empreendimentos, causam inveja e ambições que muito o fazem sofrer. Em todas estas provações, a Irmã Saint-Jean procura confortá-lo.

Insistindo na mesma ideia, escreve-lhe: “Que feliz eu seria se pudesse levar, na sua vez, os pesados fardos que o têm esmagado há tanto tempo! Se pudesse poupá-lo a sentimentos tão penosos para o seu coração despedaçado! Que felicidade eu sentiria, levando tudo sozinha, para que o Padre Gailhac não tivesse de passar por sofrimentos tão dolorosos, que penetram até ao mais fundo do seu coração!”.

E ainda: “Farei tudo o que depender de mim para o consolar e animar...Espero, com a graça de Deus, continuar a ser fiel...e a realizar a grande missão que Deus me entregou: ser sua assistente, apoio e consoladora...”.

É assim que a Irmã Saint-Jean se coloca ao lado do fundador. Clarividente e humilde como é, sabe que o Padre Gailhac é o verdadeiro fundador, embora este a considere “fundadora e superiora geral da comunidade”. Ela é realmente a primeira fundadora em relação às irmãs do grupo fundador. E co-fundadora em relação ao Padre Gailhac. Este escreve-lhe sete meses depois de ela entrar para o “Bom Pastor”: “Deve ser mãe, uma superiora e mais do que isso, uma fundadora”.

A Irmã Saint-Jean conserva-se sempre numa atitude de dependência em relação ao Padre Gailhac, nunca se considerando ao mesmo nível de autoridade.

Acresce ainda que o papel da mulher no século XIX. se exercia dentro dos muros da própria casa, em obediência e docilidade ao homem. Papel que a Irmã Saint-Jean assume com naturalidade, no convento, habituada como estava, no contexto patriarcal, à submissão ao pai na infância e juventude. E depois, teoricamente, ao marido que na prática nunca lhe fez sentir tal

dependência, tão profunda e espiritual era a comunhão entre ambos.

Mas a grande missão da Irmã Saint-Jean no Instituto é ser agente de unidade. Em 1868, isto é, um ano antes da sua morte, entre as setenta e duas Irmãs do Instituto, há doze irlandesas. A sua atuação, como superiora, unifica a missão e facilita as relações humanas que se tornam menos correntes com a introdução de uma língua diferente. Daí a necessidade de as Irmãs irlandesas falarem o francês e de este se tornar a língua oficial do Instituto. O governo da Irmã Saint-Jean é verdadeiramente um serviço à unidade.

Com bondade e firmeza, administra e orienta o grande complexo que a Casa Mãe representa e consolida-lhe as bases institucionais. Unifica os diferentes ministérios, anulando toda a hierarquia de valores entre eles e nivelando-os pela reta intenção e desprendimento pessoal. É a maior glória de Deus que nos coroa e dignifica.

É sua preocupação que o crescimento do número de Irmãs e de educandas nos três setores, não seja fator de dispersão. Ao contrário, contribua para que o Instituto se mantenha unido e animado pelo mesmo espírito.

XVII

Profundo amor à Igreja

A Irmã Saint-Jean segue sempre com muita atenção e interesse tudo o que se refere à vida da Igreja.

Educada no respeito pela igreja local, em que fora batizada e mais tarde celebrara o matrimônio, aprendera de sua mãe a ter consideração por todos os que encontrava na Missa aos domingos.

No Colégio, conhecera Mons. Fournier, Bispo de Montpellier, que lhe conferiu o sacramento da Confirmação. Foi o seu primeiro encontro com um bispo.

Já casada, acompanhara com ansiedade a perturbação causada à Igreja pela proclamação da República. Grupos de católicos procuravam colaborar com a hierarquia na restauração da ordem social. Eugène pertencia a um deles. Pode dizer-se que sua mulher era um precioso contributo para a sua ação neste movimento, dando-lhe força e coragem.

Como religiosa, é de uma grande delicadeza e atenção no trato com os Padres do “Bom Pastor”, com quem lida com muita frequência. Pertencem a uma Congregação fundada pelo Padre Gailhac para as suas obras e para auxiliarem os párocos da cidade e arredores, tão sobrecarregados. Colaboravam com o Padre Gailhac nos ministérios eclesiais da Comunidade, Orfanato, Preservação e Cours Saint-Jean. Havia, portanto, muitas ocasiões de a Irmã Saint-Jean manifestar a estes sacerdotes o seu apreço e reconhecimento. Os Padres do “Bom Pastor” e outros sacerdotes

da cidade que frequentemente recorriam ao Padre Gailhac e entravam em contato com a Irmã Saint-Jean, levavam consigo a impressão suave de um acolhimento simples e afável.

É espontânea e aberta a sua relação com Mons. Thibault. Desde o princípio, a Irmã Saint-Jean comunica com ele sempre que tem necessidade ou há algum problema a resolver. Por sua vez, o Bispo responde-lhe com solicitude, “Estou à sua disposição, minha querida filha, e disponível para dar atenção ao que tem para me dizer”, inspirando abertura e confiança.

Numa circunstância adversa, em que a Irmã Saint-Jean recorre a Mons. Thibault, este escreve-lhe com extrema compreensão: “Minha Senhora e minha querida filha, (...) Tenha a certeza de que me terá sempre como defensor e pai...”.

Mais tarde com Mons. Courtier que sucede a Mons. Thibault, mantém-se idêntica relação de confiança.

É muito rico e de abundantes frutos para o Instituto do Sagrado Coração de Maria e para o “Bom Pastor”, este relacionamento confiante com o episcopado de Montpellier.

A Irmã Saint-Jean acompanha com a oração e muita solicitude o sofrimento e grandes lutas de Pio IX, ameaçado da perda total dos domínios temporais e da autoridade do Papa.

Pio IX prepara então o Concílio Vaticano I. A Irmã Saint-Jean é muito sensível a todos estes acontecimentos. Escreve a Sua Santidade, expressando a sua veneração e a do Instituto nascente pelo Vigário de Cristo. Integra-se ativamente no movimento de organização de fundos da Igreja Universal,

fazendo-lhe uma generosa oferta em dinheiro, renovável todos os anos. Toda a comunidade e alunas participam solidárias e filialmente na referida oferta.

Há ainda um outro grande objetivo a alcançar. O Instituto tem necessidade de se estender a outros países e de expandir a sua vida, comunicando-a abundantemente. Como árvore frondosa e cheia de seiva, precisa de espaço para alargar os seus ramos. Para isso impõe-se a aprovação pontifícia.

A Irmã Saint-Jean emprega todos os meios para levar à Santa Sé o conhecimento do Instituto.

Só mais tarde, depois da sua morte, a Santa Sé reconhecerá canonicamente o Instituto do Sagrado Coração de Maria.

O seu profundo amor à Igreja é o grão lançado à terra e alimentado com os seu sofrimentos, a produzir cem por um.

XVIII

Expansão do Zelo

As melhoras da Irmã Saint-Jean começam a suscitar de novo a esperança do Padre Gailhac e da Comunidade. Cheios de fé, decidem ir em peregrinação a La Salette para agradecer a Nossa Senhora a sua intervenção maternal.

Contudo, parecem ser outros os desígnios de Deus. Tal felicidade não é de longa duração. Recomeçam as crises. Agudiza-se o sofrimento. A Comunidade acompanha, cheia de ternura, os esforços da sua querida superiora por seguir a vida comum e nada faltar ao bom andamento do Instituto. A Irmã Saint-Félix é então destinada a tratar a Irmã Saint-Jean, enquanto que a Irmã Saint-Thomas Hennessy é nomeada mestra de noviça em substituição da Irmã Sain-Félix.

Desejosa de apenas fazer a vontade de Deus, a Irmã Saint-Jean aceita ir a Montpellier consultar outro médico e, porventura, sujeitar-se a novos tratamentos.

Durante a viagem, e apesar do sofrimento em que se encontra, ainda é capaz de se deixar maravilhar pela beleza panorâmica, o matiz das árvores com folhas das mais variadas cores: castanhas, vermelhas, laranja e douradas. São extensões a perder de vista, levando à contemplação da grandeza e poder de Deus.

O Padre Gailhac, sempre atento, responde á preocupação dela, por estar ausente da Comunidade: “ Uma superiora faz bem à comunidade tanto na saúde como na doença, quando está unida a Jesus Cristo”.

Um pensamento que a segue continuamente é o futuro do Instituto e a entrada de novos membros, capazes de dar resposta

às solicitações da missão. Por isso, mais do que o sofrimento, arde nela o zelo pela expansão do Instituto.

E começam a pensar em planos de alargamento a outras cidades. Fazem-se tentativas de fundações em algumas cidades da França, como Lion e Paris. Tentativas, porém, infrutíferas.

Os olhares começam então a voltar-se para fora do país. As dificuldades de adaptação de grande número de Irmãs irlandesas ao clima mediterrâneo, provoca doenças e até a morte de algumas noviças. Os superiores não podem mesmo deixar de pensar seriamente numa fundação na Irlanda ou na Inglaterra.

Apresenta-se-lhes em primeiro lugar a Irlanda, Kilkenny. A Irmã Saint-Jean chega a manter correspondência com o Padre Kelly, no sentido de abrirem um internato e uma sala de aulas, abrangendo as duas classes sociais. Não podia ser maior a alegria da Irmã Saint-Jean. Como grande é a decepção, quando um acontecimento imprevisto anula a concretização do projeto envolvido em esperança. Mas o refrão da sintonia total com a vontade de Deus não se faz tardar: “Deus assim o quer!”.

Uma outra situação se depara na Inglaterra, a sessenta milhas de Londres. Próximo de uma missão católica, um castelo à venda, podia adaptar-se a internato. O Padre Rogers que dirigia a missão desejava que o castelo continuasse nas mãos dos católicos. Surgem as primeiras dificuldades, aparentemente fáceis de contornar. E a esperança não se esvai. Mas outros obstáculos se deparam em meio das negociações. E estes bem difíceis de resolver. Têm que desistir. Ainda não é o que Deus lhes destina.

É fundamental alimentar a esperança com muita oração e sacrifício. A Irmã Saint-Jean tem esse potencial à sua disposição. E usa-o abundantemente.

Outra oportunidade aparece na Irlanda, em Callan, no Condado de Kilkenny. Novas expectativas renascem. O Pároco, Padre O’Keefe, vai a Béziers, interessado como está em desenvolver a educação cristã na sua paróquia. Já tinha os Irmãos das Escolas Cristãs para os rapazes.

Faltavam-lhe uma Congregação que abrisse um internato e uma escola para meninas pobres. Na Casa Mãe, adiantam dinheiro para adaptação e reparação da casa a habitar. Combinam a data da chegada das irmãs.

De regresso à Irlanda, o Padre O’Keefe fala com o seu bispo. Este opõe-se à vinda das Irmãs, dizendo que a paróquia não tem recursos para manter uma comunidade religiosa. O Padre O’Keefe ocultou sempre ao Padre Gailhac e à Irmã Saint-Jean a oposição do bispo.

Na Casa Mãe, tudo está preparado para a partida do grupo missionário, as Irmãs designadas e a superiora nomeada. Apesar de doente, a Irmã Saint-Jean propõe-se acompanhar pessoalmente a comunidade enviada. Não podendo ela própria fazê-lo, escreve a Irmã Sainte-Croix ao Padre O’Keefe: “Provavelmente serão os nossos primeiros superiores a acompanhar a Callan o pequeno grupo”.

O Padre O’Keefe vai sempre encontrando, ou melhor, inventando novas justificações para sucessivos adiamentos. A Irmã Saint-Jean não chega a realizar o seu grande sonho nem mesmo a saber a razão de tanta demora.

Aceita amorosamente a vontade de Deus. “Deus assim o quer!”. E continua a esperar...

XIX

“Chegou o tempo da ceifa”

(Mc 4,29)

Não parece inverno, tão lindo é o dia e tão brilhante é o sol! É o dia 27 de Dezembro. Com ele, entra no Convento do Sagrado Coração de Maria um raio de alegria que envolve crianças, jovens e irmãs.

É a ilusão gerada pela presença da Irmã Saint-Jean que apesar de muito doente, quer participar na celebração da Eucaristia de S. João Evangelista. Celebram também a sua festa. Ao Sacrifício de Jesus no altar, une o seu sacrifício, o sacrifício da sua vida entregue por amor. Ela sabe e sente que o fim se aproxima. E tal sentimento inunda-a de paz e felicidade.

A sua atitude interior de identificação com a vontade de Deus, a calma e serenidade que irradia da sua frente, o carinho com que corresponde às saudações que lhe dirigem, provocam admiração e entusiasmo.

As crises de fígado são, porém, cada vez mais frequentes. O descanso, mais difícil. Segue, no entanto, com muito interesse todos os assuntos relativos às irmãs e às educandas. As suas palavras, cheias de fé e de coragem, mantêm elevado o espírito de todos. Não há lamentações estereis. Naquela manhã, vive-se no Convento um clima de confiança.

No dia 24 de Fevereiro de 1869, vigésimo aniversário da fundação do Instituto, participa, pela última vez, da Eucaristia na capela. A partir de então, fica de cama e não mais se levanta.

Com plena consciência e lucidez, entra na última fase da sua caminhada para o Pai. Nada a perturba porque só quer o que Deus quer. “Não esperava deixá-los tão cedo, mas Deus assim o quer. Que se faça a sua santa vontade”. É a repetição final do refrão que deu o tom a toda a sua vida.

Pede a bênção de Deus para toda a comunidade e em particular para o grupo missionário destinado à Irlanda.

Com a comunidade reunida e com grande emoção, o Padre Gailhac dá-lhe os sacramentos dos doentes: a Santa Unção e a Sagrada Comunhão.

Depois da ação de graças, volta-se para o Padre Gailhac e diz-lhe: “Meu Pai, tenha coragem. Deus estará consigo e saberá consolá-lo nas provações. Sim, as nossas obras hão-de prosperar”.

O irmão, que tinha cortado relações com ela, vem visitá-la. Recebe-o e reconcilia-se.

Mais perto da Irmã Saint-Jean, está o Padre Gailhac. Seguem-se as Irmãs Sainte-Croix, Saint-Félix, Saint-Charles, Saint-Thomas... São as das primeiras horas. Mas o seu olhar vai mais longe e envolve todas as Irmãs presentes.

Apercebendo-se da tristeza de todas, assume pela última vez a missão de consoladora, sem ocultar porém, que nesse momento, tal papel deveria inverter-se: “Então! Deviam dar-me coragem e sou eu que tenho de as consolar?”

É a hora do entardecer do dia 4 de Março de 1869. Lá fora o sol poente envolve o convento num manto de luz dourada. Símbolo da paz e quietude que pairam sobre aquela vida, prestes a apagar-se na terra, para se reacender com novo fulgor na eternidade.

E às 18 horas, a Irmã Saint-Jean, cheia de confiança, tranquilamente passa para os braços do Pai, levada por Maria, sua Mãe.

“Chegara o tempo da ceifa” (Mc 4,29)



Capela atual da Casa Mãe e cripta onde hoje se encontram os restos mortais de Eugène e seu pais, ao lado do P. Gailhac e da Irmã Saint-Jean.



Índice

Prefácio.....	03
Capítulo I	
Um diálogo profético.....	06
Capítulo II	
Uma conquista difícil.....	10
Capítulo III	
Um olhar retrospectivo.....	14
Capítulo IV	
Coragem e firmeza.....	19
Capítulo V	
De Autignac para Béziers.....	25
Capítulo VI	
Vida que surge da morte.....	31
Capítulo VII	
Promessas de vida nova.....	36
Capítulo VIII	
Memórias e recordações.....	40
Capítulo IX	
Luz e sombras.....	44
Capítulo X	
Dom do coração.....	47

Capítulo XI	
Vidas que renascem.....	53
Capítulo XII	
Suprema entrega.....	58
Capítulo XIII	
Novos caminhos de missão.....	61
Capítulo XIV	
O selo das Obras de Deus.....	68
Capítulo XV	
Deus assim o quer.....	72
Capítulo XVI	
Parâmetros de vida.....	76
Capítulo XVII	
Profundo amor à Igreja.....	81
Capítulo XVIII	
Expansão do Zelo.....	84
Capítulo XIX	
“Chegou o tempo da Ceifa” (<i>Mc 4,29</i>).....	87

Ficha Técnica

Edição:

*Religiosas do Sagrado Coração de Maria
Província Brasileira - Belo Horizonte, 2018*

Conselho Provincial:

*Ir. Terezinha Cecchin
Ir. Geny Alves
Ir. Helena Pin*

Autora:

Ir. Margarida Maria Gonçalves, rscm

Projeto Gráfico:

*Coordenação - Ir. Maria Helena Morra
Diagramação e Capa - Lucienne do Carmo Félix Teixeira*

Impressão:

Gráfica e Editora



*Centro de Fontes
email: cfontes@rscmb.com.br*

Aqui encontra a primeira biografia em português da fundadora do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria (1809-1869). É um complemento natural da obra anterior da mesma Autora: «Uma Vida para Todos - Traços Rápidos da Vida do Padre Jean Gailhac» (1802 - 1890), biografia do fundador do mesmo Instituto, juntamente com aquela que se apresenta neste livro.

Appolonie é o nome com que foi batizada a que depois veio a ser chamada, como religiosa, Mère Saint-Jean (Irmã São-João). A sua vida não foi uma linha reta feita de facilidades, mas sempre colocou em Deus o Norte da sua existência. Em 1831, casou com Eugène Cure, advogado. No meio de um clima hostil à Igreja, testemunharam com coragem a sua fé e colaboraram de perto com o P. Jean Gailhac, partilhando o seu espírito de fé e zelo, no compromisso com os mais desfavorecidos.

Um fato doloroso, a morte inesperada do marido em 1848, foi a ocasião providencial que a levou a procurar a Vontade de Deus e a entregar-se totalmente ao projeto do Padre Jean Gailhac, com o qual já se vinha identificando, sendo fundadores do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, aprovado pela Igreja em 1850.

A Autora foi Provincial em Portugal e Geral deste Instituto Religioso, cuja missão é «Conhecer e amar a Deus, torná-lo conhecido e amado, para que todos tenham vida».



Instituto do Sagrado Coração de Maria - Província Brasileira
www.rscmb.com.br - cfontes@rscmb.com.br